

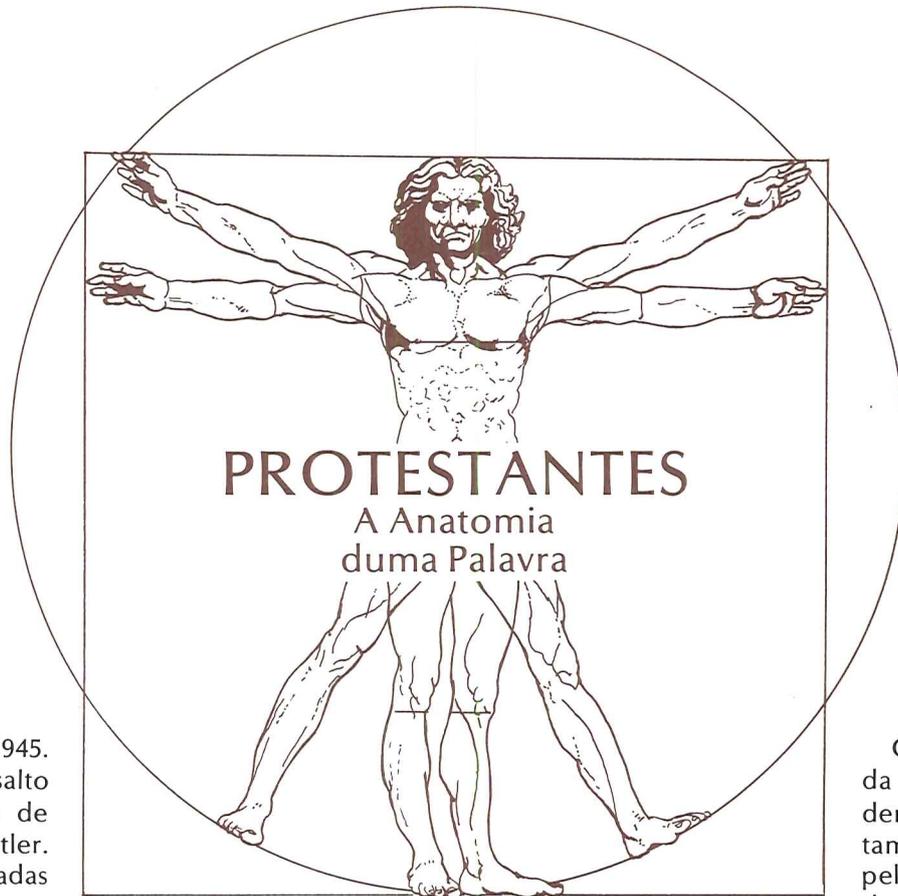


O ARAUTO *da SANTIDADE*

European Nazarene
Bible College
Library

OUTUBRO, 1986





PROTESTANTES

A Anatomia duma Palavra

Maio de 1945.
Era o último assalto
ao reduto de
Adolfo Hitler.
As tropas aliadas
avançavam por

entre escombros duma Berlim fumegante. Alguns
soldados pararam junto a uma porta encimada
por aviso ameaçador: **ATENÇÃO! SE FORÇADA,
ESTA PORTA EXPLODIRÁ!**

O comandante ordenou: "Arrombar a porta!"
Uma rajada de metralha reduziu a nada a misteriosa
entrada. Afinal, os atacantes constataram, as
palavras eram apenas para amedrontar, pois não
havia um único explosivo no local!

PROTESTANTE é um termo de aparência também
explosiva, cunhado para caracterizar um povo
decidido a levantar a voz contra abusos e desvios
em círculos religiosos dos seus tempos.

Fizeram-no com tanto zelo e convicção que
revolucionaram a sociedade da época— dos
púlpitos sagrados aos tronos europeus, da literatura
à música, das assembleias políticas à intimidade
do círculo familiar.

Perdeu hoje a palavra o seu dinamismo, como se
fosse remédio de prazo expirado? Uma das
tendências menos proclamadas do fogo é a de se
extinguir, a menos que continuamente alimentado.

Na anatomia da palavra *protestante* há também
características sujeitas a extinção, pois, sendo
dinâmicas, consomem energia e exigem
abastecimento ininterrupto. Uma delas é a defesa
dum padrão escriturístico à prova de compromissos.
Conquanto nos impressionem estatísticas de Bíblias
impressas num milhar de línguas, é a sua
mensagem impregnada na alma—não o volume
de papel e tinta—que deve transbordar no nosso
viver.

Os protestantes
da primeira hora
demonstraram,
também, um zelo
pela proclamação
da verdade,

indiferente ao conforto e a conveniências pessoais.
Lutero cantou no seu magnífico "Castelo Forte":

*Se temos de perder
Os filhos, bens, mulher,
Embora a vida vá,
Por nós Jesus está,
E dar-nos-á Seu reino.*

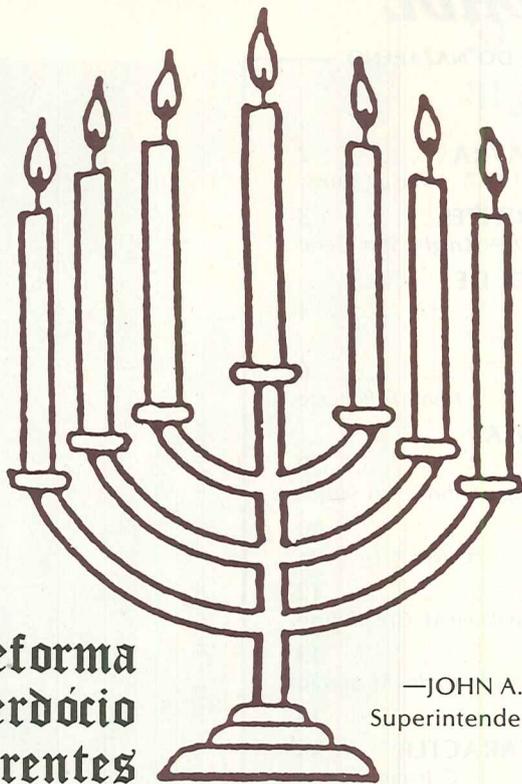
(Louvor e Adoração, 4)

Marchavam ao som dum novo tambor, aceitando
acima de todas a autoridade divina, embora se
esforçassem por respeitar um poder temporal
virulento.

As efemérides da Reforma não devem ser
celebradas num novo abrir de feridas emocionais
ou em proclamações balofas. Acima de tudo,
aproveitemos a época para reflexão e balanço
salutar. Que os erros provocadores do cisma não
sejam substituídos por paradas de vitória em que
caíamos na fraqueza de desfraldar rótulos vazios,
diluídos pelo tempo e pela frouxidão espiritual.
A advertência do apóstolo João aplica-se hoje a
todos nós, católicos e protestantes: "Tenho
contra ti que deixaste a tua primeira caridade.
Lembra-te pois donde caíste, e arrepende-te, e
pratica as primeiras obras; quando não, brevemente
a ti virei, e tirarei do seu lugar o teu castiçal, se
não te arrependeres" (Apocalipse 2:4 e 5).

O Espírito de Deus ainda protesta contra o mal
e exige à Sua Igreja uma reforma contínua. □

—JORGE DE BARROS



a reforma e o sacerdócio dos crentes

—JOHN A. KNIGHT
Superintendente Geral

O aniversário da Reforma é celebrado tradicionalmente a 31 de Outubro. Este evento transformador da igreja foi levado a cabo por homens de Deus como Lutero, Calvino e Zwingli. Estes e outros de menor vulto protestaram energeticamente contra a corrupção da Igreja Católica Romana expressa em práticas como venda de indulgências, negação aos leigos de participarem na Santa Ceia e exaltação da liturgia acima da relação pessoal do crente com Cristo. Martinho Lutero, no seu tratado *Cativeiro Babilónico da Igreja*, denunciou os poderes papais e, baseado na Sagrada Escritura, distinguiu bem entre o que a Bíblia ensinava e o que era apenas opinião humana. Nesse tratado atacou abertamente o papa e a instituição de cinco dos sete sacramentos da Igreja Católica Romana. Por suas declarações feitas do púlpito e em escritos, Lutero foi obrigado a comparecer ante as autoridades eclesiásticas e o imperador Carlos V. Depois de ter sido notificado a apresentar-se

na Dieta de Worms, em Abril de 1521, foi-lhe dito que, se não se retractasse das suas posições teológicas, corria o risco de ser queimado vivo, como João Huss.

Lutero respondeu: "Mesmo que acendam uma fogueira que vá de Worms a Wittenberg (onde ele ensinava), e que as suas chamas cheguem até ao céu, passarei por ela no nome do Senhor. Comparecerei diante deles. Entrarei na boca do leão e partir-lhe-ei os dentes confessando o nome do Senhor Jesus."

No concílio de 200 pessoas—composto de arcebispos, bispos, sacerdotes e leigos—João Eck perguntou-lhe se era o autor das 20 obras heréticas que tinha na sua presença e se desejava retractar-se do que tinha escrito.

Lutero respondeu afirmativamente à primeira pergunta e pediu que lhe dessem tempo para pensar quanto à segunda. O julgamento foi suspenso.

No dia seguinte o reformador disse: "Uma vez que sua

majestade e a corte desejam uma resposta simples, assim farei: Se as Sagradas Escrituras e a lógica não me convencerem do contrário, declaro-me contra a autoridade dos papas e dos concílios, pois ambos se contradizem. A minha consciência foi dominada pela Palavra de Deus. Não posso fazer outra coisa. Esta é a minha posição. Que Deus me ajude. Amém."

A Reforma tinha começado.

As doutrinas essenciais dos reformadores são conhecidas de todos: Cristo é a única cabeça da Igreja; a Bíblia é a única fonte de autoridade e guia para a fé e prática da vida cristã, a salvação é obtida unicamente pela fé; e o sacerdócio universal dos crentes. Apesar de serem bem apregoadas, o seu estudo profundo e consciencioso é passado por alto muitas vezes.

De todas estas doutrinas, a que menos se compreende e estuda será a do "sacerdócio dos crentes"—doutrina básica da Reforma. Lutero explicava-a em contraste com a posição de que a igreja é o único meio de salvação e, por conseguinte, só mediante o sacerdote — representante da igreja — se tem acesso a Jesus Cristo.

Nós crentes, não só temos sacerdotes ou ministros, mas todos somos sacerdotes, segundo a Bíblia (I Pedro 2:5, 9; Apocalipse 1:6). Como tais, temos certos privilégios e responsabilidades. Ninguém pode ser sacerdote de si mesmo, só podemos sê-lo do nosso próximo, a quem ministramos em nome de Cristo (II Coríntios 5:20).

Como o Pai enviou Cristo ao mundo, assim nós fomos enviados por Ele (João 17:18). Só o amor nos ajudará a ministrar o nosso sacerdócio santo para levar Cristo ao homem perdido, ao pecador. Deste modo o Espírito Santo, por nosso intermédio, continua no século presente a reforma da igreja. □

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO

NESTE NÚMERO

PROTESTANTES — ANATOMIA DUMA PALAVRA	2
<i>Jorge de Barros</i>	
A REFORMA E O SACERDÓCIO DOS CRENTES	3
<i>John A. Knight, Sup. Geral</i>	
31 DE OUTUBRO DE 1517: ALGUMAS TESES DE LUTERO	4
O MUNDO DA REFORMA	6
<i>Hendrik Pieterse</i>	
INFLUÊNCIA DA REFORMA RENASCENTISTA EM PORTUGAL	8
<i>Agostinho S. dos Santos</i>	
OS EXCESSOS DA REFORMA	10
<i>Oliver R. Delgado</i>	
A HERANÇA DO APÓSTOLO PAULO	12
<i>William M. Greathouse</i>	
DEUS DE IRA E DEUS DE AMOR	13
<i>Carlos M. Serrão</i>	
A CHAMA DA REFORMA PROPAGA-SE	14
O LAR CRISTÃO E A FORMAÇÃO DO CARÁCTER	16
<i>C. Jeanne Serrão</i>	
LUTERO: O PAI DO CANTO CONGREGACIONAL	18
<i>Brian E. Wilson</i>	
PÁGINA DEVOCIONAL: INTRODUÇÃO À EPÍSTOLA AOS ROMANOS	19
<i>Martinho Lutero</i>	
SUA PENA TRANSFORMOU O MUNDO	20
<i>Henry Zecher</i>	
ARRANCAREMOS OS PREGOS DA PORTA DO CASTELO?	22
<i>João M. C. Esteves</i>	
CARTA ABERTA À IGREJA: A PERSPECTIVA DE UM REFORMADOR MODERNO	24
<i>Hans Küng</i>	
NÃO MAIS FOGUEIRAS, GUILHOTINAS E INQUISIÇÕES	25
<i>Acácio C. Pereira</i>	
PÁGINA MISSIONÁRIA — UM SONHO REALIZADO ...	26
<i>Bennett Dudney</i>	

BENNETT DUDNEY, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director

ACÁCIO PEREIRA, Redactor
ROLAND MILLER, Artista

CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE é membro da EPA (Associação da Imprensa Evangélica)

O ARAUTO DA SANTIDADE, USPS 393-310, é publicado mensalmente por **Publicações Internacionais** e impresso pela **Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Ave., Kansas City, Missouri 64109, E.U.A.** Toda a correspondência respeitante a subscrições deve ser endereçada a **Publicações Internacionais, 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131, E.U.A.** Direitos reservados (1986) pela Casa Nazarena de Publicações. *Preço da Subscrição anual: US\$4.00.* Aceite como correspondência de segunda classe em Kansas City, Missouri, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE, USPS 393-310, is published monthly by **Publications International**, printed at the **Nazarene Publishing House, 2923 Troost Ave., Kansas City, Missouri 64109.** Editorial offices at 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131. Address all correspondence concerning subscriptions to **Publications International, 6401 The Paseo, Kansas City, MO 64131.** Copyright (1986) by Nazarene Publishing House. *Postmaster: Please send change of address to O ARAUTO DA SANTIDADE, 6401 The Paseo, Kansas City, MO 64131. Subscription price: US\$4.00 per year. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, U.S.A.*



Fotos: Capa — J. Barros; p. 4, 5 — B. Dudney; p. 6, 7 — Religious Nes Service; p. 18 — H. Phillips; p. 22 — J. Pacheco.

A IGREJA DE WITTENBERG

31 de outubro de 1517: algumas teses de Lutero

1. Quando o nosso Senhor e Mestre, Jesus Cristo, disse "Arrependei-vos...", Ele quis afirmar que a vida integral de cada crente deve ser uma de penitência. (. . .)

5. O Papa não tem autoridade ou poder de remover quaisquer penalidades, para além daquelas que ele mesmo impôs a seu próprio critério ou por dever da lei canônica. (. . .)

21. Portanto, os pregadores de indulgências estão errados quando dizem que um homem é absolvido e salvo de qualquer penalidade pelas indulgências papais. (. . .)

26. O Papa faz obra excelente quando concede remissão às almas — não pelo poder das chaves (visto não possuir qualquer), mas através da intercessão.

27. É mera conversa humana pregar que uma alma voa [do purgatório] na altura em que o dinheiro tilinta na caixa das ofertas. (. . .)

32. Todos os que crêem ser a sua salvação algo assegurado por via das bulas, serão eternamente condenados, juntamente com seus mestres. (. . .)

36. Qualquer cristão que verdadeiramente se arrepende tem, como é mister, remissão plena da penalidade e da culpa, mesmo sem cartas de indulgência.

37. Qualquer cristão, vivo ou morto, participa em todos os méritos de Cristo e da Igreja, e isto é concedido por Deus, mesmo sem cartas de indulgência. (. . .)

45. Deve-se ensinar aos cristãos que quem veja alguém padecer necessidade e o ignora, ainda que dê dinheiro para perdões, ganha para si mesmo não as indulgências papais, mas a ira de Deus. (. . .)

52. É vão confiar em salvação através de bulas, mesmo se o comissário, ou o Papa em pessoa, depositasse a sua própria alma por garantia dela. (. . .)

62. O verdadeiro tesouro da Igreja é o santo Evangelho da glória e da graça de Deus. (. . .)

82. . . . "Porque não esvazia o Papa o purgatório pelo amor mais santo e pela suprema necessidade das almas? Tal seria a mais justa das razões, se ele pode remir almas inumeráveis por dinheiro sórdido com o qual edifica uma basílica, a mais trivial das razões". (. . .)

92. Fora, pois, com os profetas que clamam ao povo de Deus: "Paz, paz!", quando não há paz.

93. Que bons ventos levem aqueles profetas que dizem ao povo de Deus: "A cruz, a cruz!", quando não há cruz.

95. E tenham mais confiança em entrar no céu através de muitas tribulações do que por via de uma falsa segurança de paz. □



O MUNDO DA REFORMA

—HENDRIK PIETERSE

Martinho Lutero. Mesmo a pessoa menos interessada em religião sabe, sem dúvida, que ele foi um homem religioso e que, há muitos séculos, fez algo de importante. Não foi ele que começou a Reforma Protestante?

Na realidade a maioria de nós conhece muito pouco acerca da vida deste Reformador ou do mundo em que viveu. Provavelmente poucos sabem que grandes transformações económicas, sociais e políticas já vinham agitando a Europa por uns duzentos anos. Consequentemente, sabemos muito pouco de como estas transformações afectaram o mundo de Lutero, de como prepararam o caminho para a revolta daquele monge, e de como enriqueceram o solo do qual germinaria a Reforma.

Tudo o que acabámos de dizer serve para mostrar que Lutero não levou a cabo a Reforma num "vácuo". Não foi uma ideia brilhante que lhe surgiu na mente, em manhã de inspiração. Pelo contrário, foi precisamente porque Lutero fazia parte do seu mundo, e porque ele reconhecia os efeitos daquele mundo sobre si e sobre a Igreja, que se iniciou a Reforma. Será portanto de grande importância examinarmos mais detalhadamente o mundo de Lutero, porque se não o fizermos, acabaremos com pouco mais do que uma ideia mística de um grande homem, ideia pouco relacionada com a realidade da vida europeia do século XVI.

Um dos fenómenos mais importantes que agitaram a Europa foi o declínio e queda do antigo sistema feudal de produção agrícola e a ascensão do sistema capitalista. Esta extensa transformação da vida económica foi, em parte, causada pelo Renascimento. Ganhou ímpeto no século XV, de tal modo que nos anos. 1500 (a Idade da Reforma), o espírito do

capitalismo se tornou predominante. A noção medieval de "preço justo" foi substituída pelo ideal da classe em ascendência: lucro e riqueza pessoal. Surgiram novas formas de produção e distribuição. Desenvolveram-se novos meios de transporte e comunicação. O comércio e as finanças foram estruturados. O uso do dinheiro tornou-se comum e com isto veio o desenvolvimento da indústria bancária. O espírito vibrante do capitalismo propagava-se rapidamente pela Europa, sem deixar intacto qualquer aspecto da vida europeia. O dinheiro já não era emprestado para ajudar aqueles que padeciam necessidades; os empréstimos tinham agora um novo propósito, o de produzir mais dinheiro. Uma ênfase nova e crescente sobre a *iniciativa privada* surgia no horizonte.

Esta nova atitude para com a vida iria desempenhar papel importante na preparação do caminho para a reforma de Lutero. Ao tornar as pessoas de todas as classes conscientes de que a situação não tinha de permanecer como estava, as novas ideias tornaram possível a Reforma. À medida que os camponeses (e outros membros da classe do povo) se aproveitavam do espírito capitalista e subiam na escala económica e social, sentiam-se cada vez mais revoltados contra o modo pelo qual os mercadores ricos e os senhores feudais os exploravam para obtenção de lucro pessoal. Ouvia-se cada vez mais frequentemente o grito pela mudança. Alguns juntaram-se mesmo a movimentos reaccionários. Algum tipo de reforma tinha de acontecer... e bem cedo.

Esta transformação no campo económico teve consequências importantes na vida social e política da Europa. Na realidade, toda a estrutura social da Europa medieval estava sendo virada do "avesso".

Antes do aparecimento do capitalismo era crença comum que a sociedade formava um "corpo" unificado: o clero constituía a cabeça, a nobreza o tronco, o povo os pés. Mais ainda, este agrupamento dizia-se decretado por Deus! Agora, contudo, em vez do clero, uma nova classe de comerciantes ocupava a posição cimeira, seguida por uma classe média de artesãos e pela classe do povo. Mas, como foi notado acima, esta não era uma estrutura estática, "pré-ordenada". Muitos membros do povo tinham conseguido aptidão literária e estavam fazendo os possíveis para melhorar a sua vida política e social. De modo bastante real, portanto, o clero perdera a posição de influência que ocupara sob o regime antigo. A sua autoridade era desafiada pela classe mercantil ascendente. A reacção do clero a esta situação será notada adiante. Aqui bastará dizer que estas transformações na vida social e económica da Europa tiveram um papel preponderante na preparação do caminho da Reforma, ao exporem ao povo a natureza repressiva e exploradora da estrutura medieval em que viviam. Mais importante ainda, este novo espírito de capitalismo e a visão dos benefícios que oferecia a todos, encorajou o povo a resistir à sociedade repressiva e a exigir uma reforma.

Um desenvolvimento político significativo que teve como consequência o enfraquecimento do poder papal foi o surto do nacionalismo e o aparecimento do estado territorial. Tal estado tanto podia ser um reino, como um principado ou uma cidade-estado sob a liderança de rei ou de príncipe.

No intuito de estabelecer a sua independência e soberania, o regente de cada estado fez tudo ao seu alcance para controlar a vida política, social, cultural e religiosa dos seus súbditos. Frequentemente esta atitude conduziu os estados territoriais a um conflito directo com a Igreja Católica, pois o papa reivindicava o direito de moldar a vida social e religiosa dos membros da sua igreja. Em muitos casos, como na Alemanha por exemplo, o papa perdeu esta batalha pela liderança religiosa e social. Em resultado disso, foi possível nestas regiões uma maior diversidade de doutrina e de opinião. Este foi especialmente o caso dos territórios alemães. Aqui, a situação contribuiu directamente para a Reforma. Lutero pôde falar mais livremente contra a corrupção e abusos da Igreja, aumentando assim o impacto da sua pregação.

Como reagiu a Igreja Católica a estas transformações extensas nas esferas económica, social e política? Para a Igreja o dilema era adaptar-se ou morrer! Decidiu adaptar-se. Criou-se um departamento especial, a câmara apostólica, com o propósito de administrar as finanças papais. Foi instituído um sistema elaborado de impostos. Como consequência, o clero começou a dedicar mais tempo a assuntos seculares, muitos deles tornando-se mesmo hábeis comerciantes. A qualidade do seu cuidado espiritual declinou dramaticamente. A Igreja Católica, contudo, tornou-se muito rica e poderosa. Por

volta de 1500 o ressentimento do povo contra o poder e a corrupção do papa e da Igreja era profundo. Os pedidos de reforma tornaram-se mais fortes e frequentes, não só da parte de clérigos sensíveis mas também de líderes dos estados territoriais que não viam com bons olhos o uso do dinheiro dos seus estados (impostos papais) para o sustento do estilo de vida indulgente do papa e dos seus oficiais. A exigência da reforma da Igreja não começou, portanto, com Lutero. Homens corajosos como João Wycliffe, na Inglaterra, e João Huss na Boémia, já no século XIV falavam contra a corrupção da Igreja, negando a autoridade do papa sobre o cristianismo e pregando a piedade pessoal bem como o sacerdócio de todos os crentes. Quando Lutero apareceu no horizonte da história o grito da reforma soava alto e claro...

Que tem isto tudo a ver conosco, cristãos do século XX? Faz alguma diferença conhecer melhor o mundo em que Lutero viveu? Bem, pelo menos sabemos que ele viveu num mundo *real*, um mundo que ele não controlava, um mundo que o influenciou, transformando o seu pensamento e perspectiva da vida. Até aqui este mundo assemelha-se bastante ao nosso. Mas Lutero, ao contrário de muitos de nós, *transformou o seu mundo*. Na realidade, ele mudou para sempre o curso do cristianismo. De algum modo, parece haver aqui algumas lições para nós. Mencionarei apenas duas: (1) Como cristão, Lutero estava profundamente envolvido no seu mundo. Tinha consciência das transformações políticas, sociais e económicas que varriam o seu país. Mais importante ainda, ele viu como estas transformações afectavam a Igreja e como esta comprometia a sua integridade na tentativa de se adaptar à sociedade corrente. Foi isto que deu origem à Reforma. A preocupação de Lutero não era com a economia ou a política da nação, mas com o bem estar espiritual da Igreja de Deus.

Tal como Lutero, nós vivemos também num mundo real. Um mundo que nos transforma, um mundo com uma influência tremenda nas nossas vidas. E isso não é completamente mau; a sociedade tem boas coisas para nos oferecer. Contudo, tal como Lutero, o nosso cuidado deve sempre ser, primeiramente, com o bem estar espiritual da Igreja de Deus. Então, e só então, seremos capazes de transformar o mundo, em vez de sermos completamente transformados por este.

(2) Vimos atrás como as grandes mudanças no mundo de Lutero pareciam ter contribuído para preparar o caminho e fertilizar o terreno onde germinaria a Reforma. Tal como Lutero, precisamos de *conhecer* o nosso mundo; precisamos de escutar a mágoa, de compreender a confusão, de visualizar os sonhos e as aspirações, de emendar as falhas. E, quem sabe, talvez reconhecemos que *agora* é a altura apropriada de agir. Porque, no fim de contas, não será o propósito fundamental duma igreja reformada a transformação do mundo? □

Os ideais reformistas que alastraram pela Europa durante o século XVI quase não penetraram no "jardim à beira-mar plantado". Devido à sua situação geográfica, no sudoeste europeu, onde tudo tarda a chegar, Portugal não foi muito bafejado por estas ideias renascentistas tendentes a fazer regressar o Cristianismo ao genuíno Evangelho de Jesus. A verdade é que, passados alguns anos, era aqui implantada a tenebrosa organização inquisitorial, a qual Antero de Quental chamaria mais tarde "o túmulo da nacionalidade", que impossibilitou o desenvolvimento da Reforma.

Já em 23 de Março de 1521, quatro anos após Martinho Lutero haver afixado as 95 teses na porta da igreja de Vitemberga, o Papa solicitara a D. Manuel I de Portugal que fizesse todo o possível por impedir a propaganda das doutrinas luteranas e proibisse a entrada dos livros escritos pelos reformadores. Tal foi a operação do monarca português que, ainda nesse mesmo ano, o Papa lhe agradecia os esforços feitos nesse sentido. Porém a Bula que estabelecia a Inquisição no nosso país seria expedida por Paulo III em 23 de Maio de 1536, no reinado de D. João III, por insistência deste e depois de intrigas e suborno, uma vez que D. Martinho de Portugal, alto dignitário português na Santa Sé, era adepto das ideias reformadoras de Erasmo e terá sabotado a concessão da mesma. Aliás também D. João III admirava bastante Erasmo para o que terá certamente contribuído o facto de sua esposa, D. Catarina, ser irmã de Carlos V, protector do dito reformador católico.

Poder-se-á dizer que os grandes vectores de influência reformista no nosso país foram, sem dúvida, os núcleos de estudantes portugueses espalhados pela Europa com bolsas de estudo concedidas pela coroa portuguesa. Essa elite de portugueses, considerados estrangeiros e que eram destinados aos mais altos

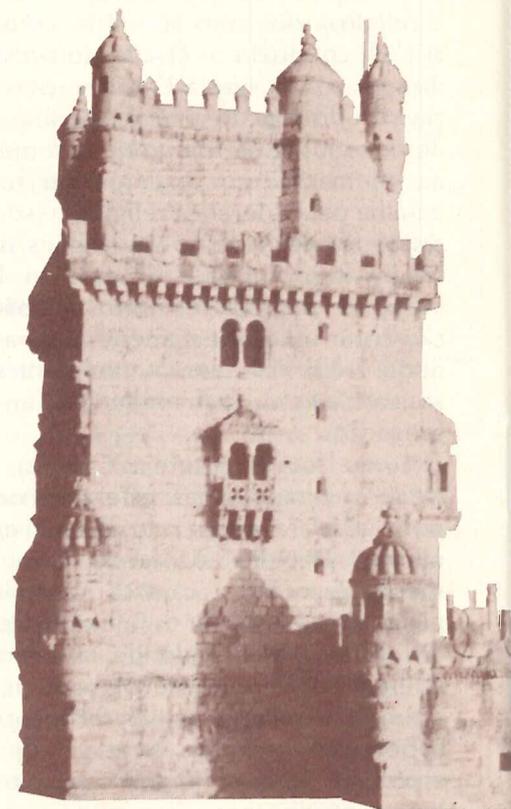
cargos da magistratura portuguesa, contactou com certas correntes de pensamento humanista, erasmista e luterana. Os centros de atracção lusíada situavam-se em Bolonha, Florença, Paris e Lovaina. E apesar de Paris ser considerada o centro da ortodoxia católica (até mais do que Roma) é nessa cidade que em 1519 começaram a ser largamente difundidos os escritos de Lutero. O bispo de Meaux pretendeu efectuar algumas reformas, sendo ajudado pelo seu colaborador Lefebre d'Étaples que veio a liderar mais tarde os movimentos reformistas em França, tendo traduzido o Novo Testamento e aprofundado a análise do texto bíblico. Em 1533 o reitor universitário Nicolau Cop, amigo de Calvino, pronuncia um discurso no qual defende as teses luteranas vendo-se coagido a refugiar-se por causa das perseguições que se seguiram.

Os portugueses acompanharam os acontecimentos, convivendo com muitos franceses, mesmo depois deles serem considerados "hereges". André de Gouveia é um dos maiores entusiastas, o qual até já havia contratado Nicolau Cop para o Colégio de Sta. Bárbara que dirigia. Marcial de Gouveia, irmão de André, que conhecera Melâncton em Friburgo, e Erasmo em Basileia, é outrossim um entusiasta reformista assim como um João da Costa, aluno de André, e que o acompanha mais tarde para Coimbra. Há também a registar André Zevedeu, que se torna pastor calvinista, e Marthurin Cordier, que se acolheu a Gouveia no Colégio de Guyenne aquando das perseguições de Paris em 1534. Porém um dos mais radicais na fé luterana foi durante algum tempo Frei Roque de Almeida, frade franciscano, cunhado de João de Barros e que pretendeu inicialmente estudar o luteranismo no próprio local para melhor o combater, conforme disse a Damião de Góis. Regressou, todavia, bastante modifica-

do, abandonando o hábito de frade e mudando até de nome. A um seu sobrinho, filho de João de Barros, acusaram-no de se converter ao luteranismo.

Entre os seguidores das doutrinas luteranas conta-se ainda D. Lopo de Almeida (também aluno dos professores Gouveia, Costa, Buchanan e Teive) que em Bordéus aderiu à nova fé, relacionando-se com famílias protestantes como Gaston de Foix. Este ilustre português, mais tarde preso pela Inquisição quando veio a Portugal, assim como muitos outros, afirmava que "os homens de talento seguiam a seita luterana". Aliás, dizia o humanista Diogo de Teive que os seus inimigos "chamavam luteranos aos homens que sabiam grego e filosofia, e estavam mal com a sofistaria", nome que ele dava às disputas e especulações características do ensino escolástico.

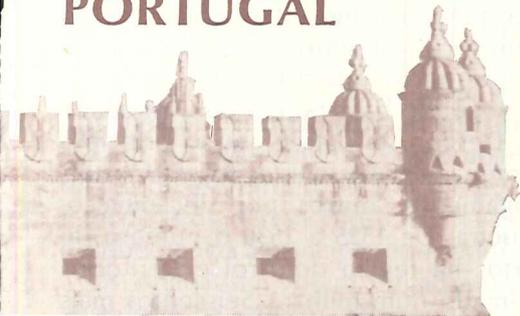
Alguns destes portugueses ilustres tiveram grandes problemas com os seus familiares, como André de Gouveia que um dia escreveu a respeito do seu tio, escolástico intolerante: "Rogo a Jesus Cristo que o queira alumiar



e o tire das trevas onde anda, as quais são tão espessas como, mau grado, as trevas que vieram sobre os egípcios quando tinham em cativeiro os filhos de Israel". Por este trecho verifica-se que André participava do movimento tendente a fazer regressar o catolicismo ao puro Evangelho de Cristo, o que levou seu tio a classificá-lo de "velhaco herético luterano".

No núcleo de Lovaina também se encontravam, depois de 1521, portugueses célebres que ocuparam posições de relevo na sociedade e vieram a contribuir para a difusão do erasmismo em Portugal. Dois exemplos: Fr. Brás de Barros, que regressou em 1527, reformou o mosteiro dos cônegos regrantes de Santa Cruz de Coimbra e ajudou a criar a nova universidade na mesma cidade; Damião de Góis, que publicou um opúsculo sobre uma situação passada com a igreja etíope, onde um bispo não foi reconhecido em Portugal. Por aqui se deduz que Damião era favorável a uma negociação com os reformadores, uma vez que algumas doutrinas etíopes coincidiam com as reivindicações luteranas. Depois de várias publicações em Paris, Lovaina e Bruxelas, esse opúsculo veio a ser proibido, no ano de 1541, pela Inquisição.

INFLUÊNCIA DA REFORMA RENASCENTISTA EM PORTUGAL



Houve certa época em que os erasmitas tiveram grande importância e influência no nosso país. A educação dos infantes D. Afonso, D. Duarte e D. Henrique foi entregue aos erasmitas André de Resende e Clenardo. E até Damião de Góis esteve quase a ser nomeado preceptor do príncipe real, D. João, em 1545, isto 25 anos antes de ser julgado e condenado pela Inquisição como herege.

Damião de Góis, que chegou a ser contactado algumas vezes para executar um trabalho de mediação entre o catolicismo romano e o luteranismo, numa missão diplomática à Dinamarca em 1531 conheceu Lubbeck, cidade protestante onde conversou com o reformador João Pomerano. Na Alemanha, em Vitemberga, ouviu um sermão de Lutero, sendo recebido por este e por Melâncton. Em 1536, quando o cardeal Sadoleto pediu a Damião de Góis para interceder junto a Melâncton, este respondeu ser necessário corrigir muitos abusos dentro da Igreja Católica antes de negociar com aqueles que os denunciavam. Damião de Góis defendia a superioridade do espírito sobre a letra, o espírito evangélico acima do ritual, tese, aliás, erasmiana. Era tal o seu entusiasmo por Erasmo, que chegou a elaborar um projecto de o convidar para reger uma cadeira na universidade de Coimbra, em 1534!

As simpatias erasmitas de Gil Vicente terão sido influenciadas e encorajadas pela corte. Gil Vicente é considerado um teólogo e moralista que apelou para a caridade cristã, pregando a frades durante o terramoto de 1531 no sentido destes não acreditarem em superstições, mas apenas em Deus, e não perseguirem os cristãos novos. O mestre Gil pretendia uma "reforma de costumes como se verifica pelas críticas que dirigiu ao clero nos seus autos e farsas, verberando os frades pelo

—AGOSTINHO SOARES
DOS SANTOS
(em *Novas de Alegria*)

seu abuso, chegando até a descrever um cardeal no inferno, o que demonstra uma certa ousadia para a época."

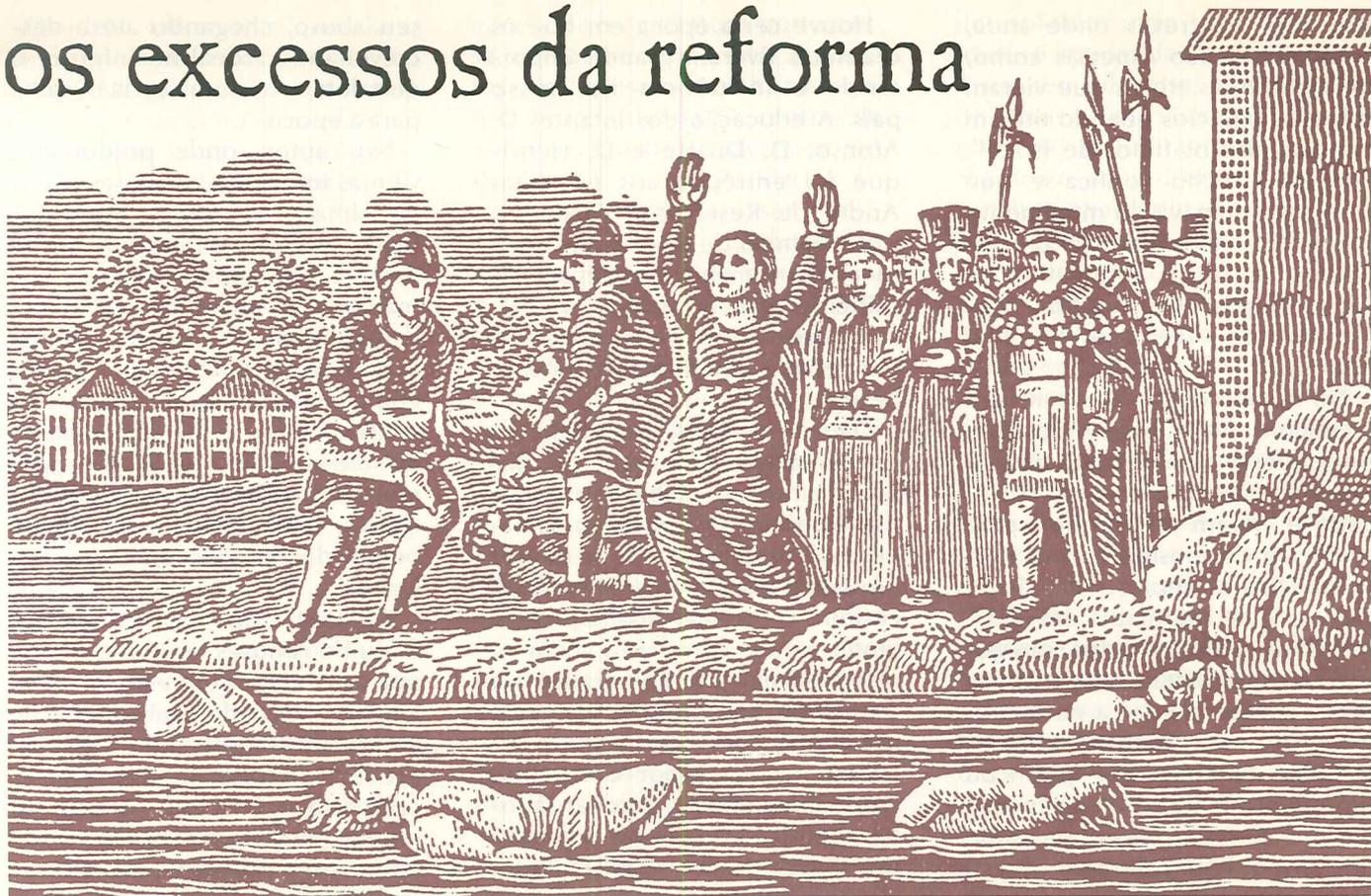
Nos autos, onde predominavam as intenções religiosas (Auto da Alma, Auto da Fé, Auto das Barcas e Auto de Mofina Mendes), Gil Vicente retrata à sua maneira o mal da sociedade daquele tempo. Até mesmo na Exortação da Guerra, que é uma composição da exaltação nacionalista, lê-se: "E vós priores honrados... A renda que apanhais/O melhor que podeis/Nas igrejas não gastais/Aos pobres pouco dais/Eu não sei o que lhe fazeis".

Em 1531 a sua peça teatral "Jubileu de Amores" é representada por actores portugueses em Bruxelas, na casa do embaixador D. Pedro de Mascarenhas, a qual provoca riso geral. Tais eram as críticas ao clero que o próprio núncio Jerónimo Aleandro desabafou no decurso do espectáculo: "Parece que estou em plena Saxónia a ouvir Lutero".

Luís de Camões, o génio português da literatura, pronunciou-se certamente sobre a Reforma, quando em *Os Lusíadas* escreveu: "Vêde-los alemães, soberbo gado... novo pastor e nova seita inventa..." (*Canto VII-4*). Não são muito lisonjeadoras estas palavras no que se refere aos alemães e às ideias reformistas. Porém, estas serviram para tentar endireitar muitos abusos e exageros, pois Camões mais adiante também ataca os católicos deste modo: "E vós outros que os nomes usurpais/De mandados de Deus, como Tomé/Dizei, se sois mandados, como estais/Sem irdes a pregar a santa fé?... na pátria onde profeta ninguém é". (*Canto X-119*)

A volta ao evangelho genuíno da Reforma serviu também para que o próprio Camões dissesse no final do soneto "Verdade, Amor, Razão, Merecimento: Mas o melhor de tudo é crer em Cristo". Somos da mesma opinião deste génio português no que se refere a esta última afirmação! □

os excessos da reforma



Em 31 de Outubro de 1517, um monge agostiniano chamado Martinho Lutero decidiu desafiar a Igreja Católica Romana acerca da venda de indulgências. A ocorrência que desencadearia o processo da Reforma deu-se quando Lutero pregou na porta da catedral de Wittenberg um manuscrito em latim contendo 95 teses.

Desde então, teólogos têm discutido o significado deste evento para a saúde da Igreja Cristã. Ainda que Lutero não tenha desejado provocar um cisma na igreja, a sua acção representou o primeiro passo para que outros seguissem o movimento da Reforma. Em pouco tempo, a igreja estava irremediavelmente dividida, levando muitos a abandonarem a comunhão com a igreja mãe e a formarem denominações independentes. Lutero tinha ansiado por uma reforma de doutrina e moralidade dentro de uma igreja unida, mas a ruptura era inevitável. Aparentemente, os efeitos da Reforma foram tais que nem Lutero os pôde controlar. Grupos de radicais surgiram por toda a parte, determinados a não descansar até que houvesse uma reforma espiritual completa na igreja. Assim, introduziram princípios reformadores que iam para além do que o que a maioria das pessoas podia aceitar. Esta situação criou problemas não só para o catolicismo, como também para certos grupos protestantes, tais como os "Luteranos" e os "Calvinistas". Uma facção que importunou os princípios católicos e protestantes foi a Anabatista.

Os Anabatistas foram considerados radicais pelas

seguintes razões: Repudiavam o batismo de crianças (se alguém queria se unir a eles, tinha de ser batizado novamente); a Ceia do Senhor era considerada um acto simbólico em vez de concreto, advogavam a separação completa entre a igreja e o estado.

É possível que hoje em dia não pensemos que havia algo tão errado na pregação dos Anabatistas, mas eles foram odiados e perseguidos tanto por católicos como por protestantes. É importante que nos lembremos da época em causa. Durante mil anos o povo tinha aprendido que só havia um caminho para a salvação e, ainda que Lutero e outros reformadores tenham discordado com a Igreja, mantiveram-se católicos em muitas das suas crenças e doutrinas. Os Anabatistas, levando a questão a um extremo, proclamaram ideias totalmente radicais. Por essa razão foram rotulados de revolucionários, de perturbadores da ordem estabelecida e, portanto, de serem perigosos. A 26 de Agosto de 1527, o Arquiduque Ferdinando da Áustria publicou um Mandato Imperial condenando o Anabatismo e ameaçando punir os seus seguidores com a morte. A 4 de Janeiro do ano seguinte, outro Mandato Imperial lembrava a todos que um segundo batismo era punível com a pena de morte. Desde esta data e até ao princípio dos anos 30, centenas de Anabatistas foram mortos, alguns por afogamento, outros por decapitação, outros pela fogueira. De 1525 a 1530 o número de Anabatistas mortos na região do Tirol e territórios vizinhos, foi estimado num milhar. Seiscentos mais

pereceram em Ensisheim, onde se situava o ceptro do governo austríaco nos seus domínios ocidentais. Ainda que fossem os territórios e cidades católicas os primeiros a adoptar medidas extremas, os tão chamados territórios evangélicos (Zwinglianos e Luteros) também registaram imensas vítimas.

As atrocidades cometidas durante esta era, em nome de Cristo, provocam mágoa e surpresa. O pior ainda é que os Anabatistas não retaliavam. Eram pacifistas e nada os induzia a levantarem a mão em ira. Foi infeliz que homens como Lutero associassem os Anabatistas a grupos mais radicais como os *Schwärmer* (Visionários). Deste modo, Lutero associou-os a facções que usavam métodos de intimidação e surtos de violência. Mais tarde, Lutero falhou em distinguir entre a corrente principal dos Anabatistas e os Munsteritas. Thomas Muntzer, ainda que fosse o líder de camponeses e artesãos, provocou uma revolução sangrenta contra as ordens sociais e religiosas estabelecidas. Finalmente, Lutero rotulou os Anabatistas de Donatistas, radicais e vagabundos. Eram diabos e agentes do diabo, decididos a construir uma capela no lugar da verdadeira Igreja que Cristo levantara.

Todas estas acusações contra o povo Anabatista, levou à sua condenação pelo estado, por crime de sedição e blasfémia. Estas ofensas exigiam as penalidades mais graves do estado. Lutero continuou a temer este grupo, receando que comessem uma revolução. Assim pediu que fossem punidos por blasfémia, segundo a lei de Moisés: morte.

João Calvino também foi intolerante com o movimento Anabatista. Rejeitou a sua interpretação literal das Escrituras, argumentando que era errado alguém tomar literalmente a palavra de Cristo. Acusou os Anabatistas de defenderem certas porções da Bíblia, tais como estas: "De maneira nenhuma jureis". Calvino mostrou que, noutras passagens, a Bíblia declara que o Pai se deleita com o juramento. Calvino condenou os Anabatistas como protestantes hereges que deviam morrer por tentarem expurgar a Igreja. Acusou-os de serem adeptos e praticantes da poligamia, do amor livre, da anarquia e da traição. Calvino desprezava qualquer pessoa que protegesse estes "pecadores", denunciando-a como participante no seu pecado. Finalmente, Calvino afirmou que os Anabatistas desobedeciam às autoridades civis, as quais todos os Reformadores respeitavam. Os que desafiavam a autoridade estabelecida, devem pagar o erro com as suas vidas. Calvino chegou mesmo a escrever um livro contra os Anabatistas, entitulado *Contrales Anabaptistes*, atacando a sua oposição ao uso da força militar. Nesta obra ele acusou-os de blasfemarem contra Deus ao se recusarem a usar a espada, que Ele ordenou como nossa protecção. Tal recusa de usarem estratégia militar, fortalezas, armas e técnicas de defesa, mostrava mais claramente a sua desobediência a príncipes e superiores.

Os Anabatistas foram forçados a permanecer nos bastidores da Reforma. Não só sofreram o abuso dos

outros reformadores, como também atravessaram um período de martírio pelas suas crenças. Contudo, cedo se tornou claro aos Reformadores que os Anabatistas não podiam ser erradicados pelo derramamento de sangue. Quanto mais matavam os seus líderes, mais progredia o movimento. O martírio foi aceite pronto e alegremente.

Os judeus também foram vítimas e mártires. De facto, durante a Idade Média, já era costume perseguir os judeus. A razão da perseguição despontava do facto destes serem acusados da morte de Cristo. Quando Lutero pregou as suas teses, muitos judeus estavam convencidos que tudo ia mudar, mas pouco aconteceu. Lutero, como os católicos, desejava a conversão dos judeus. Ele acreditava que a razão pela qual não estavam dispostos a se converterem era o modo como até aí tinham sido tratados. Lutero pensava que, se fosse possível eliminar os abusos do papa, os judeus converter-se-iam. Mas isso não viria a acontecer. Em pouco tempo Lutero recomendava a deportação de todos os judeus para a Palestina.

Podemos questionar a intolerância característica deste período, mas não nos devemos admirar. O monoteísmo, em si, não tolera a existência de outros deuses ou outras religiões. A essência do Cristianismo é que cada um aprenda o único verdadeiro caminho para a salvação, e é dever do crente espalhar esta mensagem para que outros a possam partilhar. O problema que defrontamos é: o que acontece quando certos grupos crêem que apenas eles, individualmente, compreenderam o caminho correcto para Cristo? Esta era a situação da década de 1520 a 1530. Católicos, Luteros, Calvinistas, Anabatistas e outros, todos criam ter encontrado, na sua individualidade, o modo mais correcto de adorar o Único e verdadeiro Deus. Cada grupo defendia as suas crenças pessoais, sendo intolerante acerca de qualquer outro. Esta intolerância levou às atrocidades mutuamente perpetradas.

É imperativo que não vejamos os Reformadores como santos ou como pecadores. Eram apenas homens que tinham visto o abuso religioso infligido ao povo, e decidiram por-lhe fim. Estiveram dispostos a arriscar as suas vidas porque estavam certos de apontar o caminho correcto. As suas esperanças residiam no público reconhecer a verdade da sua cruzada e abraçar a sua causa. Quando isso não aconteceu, a intolerância assentou arraiais: não tinha dito Cristo que o Evangelho devia ser pregado e, onde fosse rejeitado, os discípulos deviam voltar as costas, visto ser mais grave que a tragédia de Sodoma e Gomorra o destino dos impenitentes? (Mateus 10:11-16). Quem não aceitasse a mensagem de Cristo, segundo os Reformadores, não merecia viver.

Cerca de 470 anos passaram já desde que Lutero começou a sua reforma da Igreja. Ainda existe muita intolerância entre as diferentes denominações, mas pelo menos há esperança de diálogo. Oremos para que o diálogo produza mais tolerância. □

—OLIVER DELGADO



A HERANÇA DO APÓSTOLO PAULO

Da Epístola aos Romanos Lutero escreveu: "Esta epístola, que é a parte principal do Novo Testamento e o evangelho na sua forma mais pura, merece a honra de o cristão não só a saber de memória, palavra por palavra, mas de se ocupar com ela diariamente como pão para a sua alma. Porque nunca pode ser lida com demasiada frequência e, quanto mais é usada, mais deliciosa se torna."

Através dos séculos esta epístola tem proporcionado, de modo peculiar, o impulso para a renovação espiritual. Quando a Igreja se afastou do Evangelho, um estudo profundo de Romanos serviu repetidamente de meio pelo qual foi recuperada a perda.

Num dia de Verão do ano 386 d.C., Agostinho, professor de retórica em Milão, sentou-se chorando no jardim de seu amigo Alypius. Fugindo das orações da sua mãe piedosa, Mônica, Agostinho caiu sob a influência de Ambrósio, bispo de Milão. Naquele dia, praticamente persuadido a quebrar o hábito duma vida pecaminosa, ele ouviu as vozes de crianças a brincar. A certa altura, pensou ter escutado as palavras: *Tolle lege! Tolle lege!*

("Toma e lê! Toma e lê!") Aceitando isso como a voz de Deus, Agostinho tomou o pergaminho que se encontrava aos pés de seu amigo e os seus olhos foram atraídos pelas palavras: "Andemos dignamente, como em pleno dia, não em orgias e bebedices, não em impudicícias e dissoluções, não em contendas e ciúmes; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e nada disponhais para a carne, no tocante às suas concupiscências." (Romanos 13: 13-14). "Não li mais," ele diz-nos, "nem precisava; porque instantaneamente, no fim desta frase, uma luz de serenidade inundou o meu coração e toda a sombra de dúvida desvaneceu." Quem pode avaliar as consequências na Igreja e no mundo desta iluminação da mente e coração de Agostinho?

Em Novembro de 1515, Martinho Lutero, monge agostiniano e doutor de teologia sagrada na Universidade de Wittenberg, iniciou a exposição da Epístola aos Romanos. Ao preparar as preleções tornou-se-lhe cada vez mais claro o significado do evangelho da justificação pela fé, segundo o apóstolo Paulo. "Eu estava possuído por um desejo ardente de

compreender Paulo nesta sua Epístola aos Romanos," Lutero escreveu. "Contudo, a despeito do ardor no meu coração, fui impedido por uma única palavra no primeiro capítulo: "A justiça de Deus se revela no evangelho." Eu odiava aquela expressão, "a justiça de Deus", porque, segundo o uso e o costume dos doutores, eu fora ensinado a compreendê-la filosoficamente, significando a justiça formal ou activa. Implicava ela que Deus é justo e pune os pecados e os ímpios... Dia e noite tentei meditar no significado destas palavras... Então, finalmente, Deus teve misericórdia de mim e comecei a compreender que a justiça de Deus é aquele dom de Deus pelo qual o justo vive, nomeadamente, a fé... Senti como se tivesse nascido de novo e entrado no Paraíso." As consequências deste discernimento são hoje bem conhecidas.

Sob a data de 24 de Maio de 1738, João Wesley anotou no seu Diário: "Esta noite fui, muito contrariado, a uma sociedade na rua Aldersgate, onde alguém lia o prefácio de Lutero à Epístola aos Romanos. Cerca de um quarto para as nove, enquanto ele descrevia a transformação que Deus opera no coração através da fé em Cristo, senti o meu coração aquecido de modo estranho. Senti que confiava em Cristo, só em Cristo, para a salvação. E uma certeza me foi dada, que Ele havia tirado os meus pecados, mesmo os meus, e me salvara da lei do pecado e da morte." Aquele foi o instante em que nasceu o Reavivamento Evangélico do século dezoito.

O que sucedeu a Agostinho, Lutero e Wesley mudou o rumo da civilização ocidental. Numa escala menor, algo semelhante pode acontecer-nos se permitirmos que as palavras desta epístola penetrem as nossas mentes e corações no poder do Espírito Santo. □

—WM. M. GREATHOUSE

Quando Martinho Lutero pregou as 95 teses na porta da catedral de Wittenberg, não o fez por querer destruir a Igreja Católica Romana, para criar uma nova denominação ou para negar as doutrinas do cristianismo. O seu propósito, originalmente de carácter teológico, teve em vista a renovação de princípios doutrinários que, embora praticados, não tinham o apoio das Escrituras. A intenção de Lutero ao desafiar a ordem estabelecida destinava-se a despertar a consciência do mundo, em geral, e dos círculos teológicos, em particular, de que a imagem de Deus apresentada pela Igreja Romana não correspondia à da Bíblia.

"Não ensinamos algo novo", disse Lutero, "mas repetimos e estabelecemos o que os apóstolos e os santos mestres ensinaram antes de nós". O seu desejo era que a verdadeira Fé cristã brilhasse com todo o fulgor e pureza, essa mesma Fé que, ainda que terrivelmente obscurecida, nunca tinha abandonado a Igreja.

Pode-se exemplificar a corrupção que tinha invadido os meios eclesiásticos da época com a venda de indulgências como garantias de perdão eterno oferecido aos que tinham posses para as comprar. O auto-proclamado representante de Cristo na terra, o papa, tinha-se apoderado do direito às almas do povo, constangendo-o a apaziguar um Deus de ira pronto a aniquilá-lo sem piedade.

Os motivos para esta teologia da ira de Deus não passava, em parte, de subterfúgios: a causa real da venda de bulas era a construção da catedral de S. Pedro em Roma. Pouco tinha a ver com a salvação das almas. "É mera conversa humana pregar que uma alma voa [do purgatório] na altura em que o dinheiro tilinta na caixa das ofertas" (Lutero). Não havia nada de redentor no comércio estabelecido. Por essa razão Lutero levantou a voz, ten-

Deus de IRA e

do as Escrituras como base do seu ensino. A salvação de almas não depende de bulas ou de obras, mas da graça justificadora de Deus. Não consiste em esforços do homem para apaziguar um Deus de ira, mas no reconhecimento da sua pecaminosidade e na adoração a um Deus de amor, e este manifestado na Sua graciosa iniciativa. "A essência da teologia baseia-se no conhecimento da culpa e perdição do homem por causa do pecado, e de Deus como justificador e salvador do homem pecador" (Lutero). Tal benefício só acontece porque Deus Se revelou e amou primeiro.

Esta revolução copérgica no

Deus de Amor

pensamento de Lutero não é produto do acaso. Se observarmos a vida do jovem monge, concluiremos que esta transformação deu-se após Lutero ter sofrido a culpa e o terror de nunca poder satisfazer as exigências de um Deus de ira, e depois de estudo aturado da Epístola aos Romanos, na qual viu revelado o amor de Deus, principalmente na cruz de Cristo. Até aí Lutero vira a Deus "como este lhe fora apresentado no lar, na escola e na Igreja: Deus é juiz e exige méritos suficientes para que o homem possa subsistir diante do Seu tribunal" (Strohl).

Por isso Lutero se entregara à vida monástica, na esperança de praticar obras dignas de salvação. Tão pronunciado era o seu asceticismo que os superiores lhe diziam que não era Deus estar zangado com Lutero, mas Lutero com Deus. Esta verdade era inegável. Lutero chegou a acusar Deus de crueldade por visitar o coração do homem e, depois, pedir-lhe o impossível — a santidade. A despeito de todos os seus esforços em busca da paz, Lutero sentia que nunca alcançaria o padrão delineado pelo Deus de ira, estando sempre sob o furor divino.

Mas a revelação do amor de Deus, manifesto na pessoa de Jesus e no facto de não serem necessárias obras de mérito para a justificação (Romanos 4:3, 9; Gálatas 3:6-7; Efésios 2:8-9), libertou Lutero para uma vida de louvor e paz. A certeza de que o justo vive pela fé (Habacuque 2:4, Romanos 1:17) e não pelas obras, proporcionou-lhe o recurso teológico que iria transformar para sempre a face da igreja. Este foi o verdadeiro alvo da Reforma Protestante do século XVI: levar de volta à humanidade a Bíblia, o amor e a possibilidade de comunhão com Deus. Foi por todos os homens que, num supremo acto de amor, Ele sacrificou o Seu Filho como oferta pelo pecado.

□ —CARLOS M. SERRÃO



Knox

PRESBITERIANISMO



Simons

MENONISMO



Melancthon



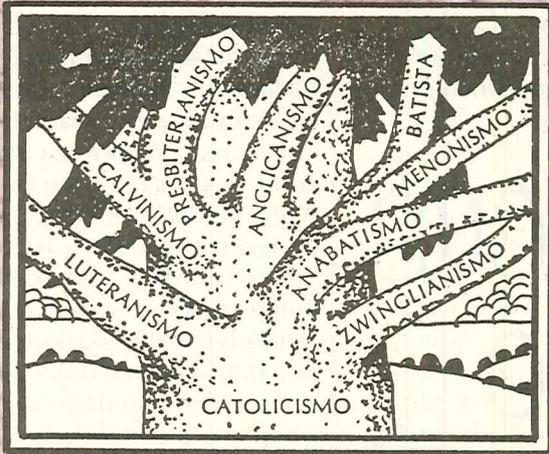
Cranmer

ANGLICANISMO



Catedral de São Paulo

CATOLICISMO



Calvino

CALVINISMO



Melancton



Lutero

LUTERANISMO



Zwingli

ZWINGLIANISMO



de S. Pedro

ICISMO



Grebel

ANABATISMO

a chama da reforma propaga-se

A *Tocha da Reforma* foi empunhada e carregada por homens que modificaram os ensinamentos de Lutero a extremos que este nunca teria aceitado. Embora ele se opusesse a cognominar qualquer igreja de Luterana, tais congregações espalharam-se, predominantemente no norte da Alemanha e da Escandinávia; e ainda hoje seguem o credo definido por um amigo e discípulo de Lutero, Filipe Melancton.

Em Zurique, Huldrych Zwingli simplificou a liturgia, despiu as igrejas de ornamentos e proclamou a doutrina da predestinação. Em Genebra, o moralista João Calvino aglutinou os ensinamentos de Lutero e Zwingli e pregou um Deus austero e exigente. Os seus discípulos propagaram estes ensinamentos através da Europa. Um deles, João Knox, introduziu na Escócia a igreja reformada de Calvino, que mais tarde viria a ser a Igreja Presbiteriana.

O rei Henrique VIII da Inglaterra, ao lhe ser negada a anulação do casamento por Roma, nomeou Thomas Cranmer arcebispo de Canterbury e afirmou-se o cabeça da igreja na Inglaterra, em 1534.

Os reformadores mostraram pouca tolerância aos ramos minoritários. Desde o seu princípio em 1525, em Zurique, os Anabatistas rejeitaram organização formal. O líder, Conrad Grebel, e muitos dos seguidores foram perseguidos pela sua crença no batismo de adultos e por proclamar a separação entre a igreja e o estado. Nos Países Baixos os Anabatistas adoptaram o nome de Menonitas, do seu líder Menno Simons.

A Igreja Batista de hoje teve as suas origens em João Smyth que adoptou estas ideias e se separou da Igreja Congregacional Inglesa, no princípio do século XVII.

A Igreja Católica reagiu com a sua própria reforma que eliminou abusos de poder e produziu um renovado vigor espiritual. A subsequente batalha "por almas" foi misturada com disputas pelo poder político. Um século de lutas culminou com a guerra dos Trinta Anos e a devastação da Alemanha. O tratado de 1648 corroeu as fronteiras do Santo Império Romano e forçou tanto católicos como protestantes a aceitarem o facto de que ambos os grupos continuariam a existir. □

O lar cristão tem uma qualidade "reformadora" ou formadora de caracteres que por vezes é ignorada nos nossos dias. Martinho Lutero reconheceu esta qualidade. O seu biógrafo, Roland Bainton, intitulou o capítulo sobre a perspectiva de Lutero acerca do lar cristão de "A Escola do Carácter". A razão pela qual reconheceu isto talvez se deva ao facto da inexperiência de Lutero acerca de matérias relacionadas com o lar e o matrimónio até aos 42 anos de idade. A formação do carácter pode iniciar-se e terminar em qualquer ponto da vida do indivíduo, dependendo da sua escolha. Muitas pessoas têm caracteres atrofiados aos 18 anos de idade! Mas no casamento e no lar cristão somos chamados por Cristo para crescermos em amor mútuo.

O amor, pela sua própria essência, mantém-se aberto a mudança e crescimento. É uma força dinâmica que nos desafia constantemente a ver a vida através dos olhos da outra pessoa. Não é possível amar alguém sem que nos coloquemos na sua posição. Quando isto acontece, começamos a ver quão diminuta era a nossa perspectiva sobre a vida. Só então nos pode Deus ensinar sobre a Sua criação e como podemos compreendê-la e ministrar nela.

Cristo não apenas nos pede que compreendamos as pessoas que compõem as nossas vidas, como também que nos sacrificuemos uns pelos outros. Devemos amar-nos mutuamente tal como Cristo amou a Igreja e se entregou a Si mesmo por ela. A formação do carácter pode começar quando um indivíduo começa a tentar compreender o mundo a partir do ponto de vista doutros, mas o bloco mais importante na formação do carácter é o sacrifício próprio. É neste aspecto da nossa relação diária com outros seres humanos que temos a oportunidade de crescer dramaticamente. Podemos escolher levar a vida como nos apetecer e perder a oportunidade de crescer; ou podemos tentar fazer o que é mais proveitoso para outros envolvidos na nossa vida, à custa de sacrifício próprio. Sei que tal é contrário às perspectivas prevalentes de "liberação", mas representa o âmago do viver cristão e, especialmente, o centro da formação do lar cristão. Devemos notar, entretanto, que este sacrifício próprio não se limita a um certo sexo ou membro do agregado familiar. O amor que se manifesta em sacrifício próprio é a pedra de esquina do carácter.

Sacrifício próprio em amor é diferente de sacrifício próprio por obrigação. Tem sido esta ideia de servidão requerida que dá mau nome à ideia do sacrifício próprio. Um relacionamento servil não forma o carácter do "servo" ou do "mestre". Apenas o amor que provém de Deus, amor feito de sacrifício próprio pode formar o nosso carácter, do modo que nos tornemos semelhantes a Cristo. Tal como o apóstolo Paulo, o nosso desejo será atingirmos "o estado de homem feito, à medida da estatura da plenitude de Cristo" (Efésios 4:13).

De volta à perspectiva de Lutero sobre o casamento e o lar cristão, queremos saber as ideias do Refor-

mador sobre a formação do carácter. À medida que lemos o biógrafo de Lutero, aprendemos que a sua maior contribuição à ideia medieval da família foi que o casamento fora instituído por Deus, antes que as tradições papais o substituíssem pela ideia do celibato. A primeira coisa que necessitamos de aprender é que Lutero substituiu a vida monástica pelo lar cristão, como sendo a escola de formação do carácter. No mosteiro, a abstinência física representava o caminho para um carácter pio. No lar cristão, o amor que se sacrifica em prol doutros, é a única via para um carácter santo. O casamento nos seus dias, era considerado como uma forma de condição temporal permitida por Deus apenas por causa da nossa incapacidade de escapar à concupiscência. Lutero demonstrou que o casamento é uma condição espiritual que Deus instituiu no jardim do Éden antes dos tratados papais. Porque foi instituído por Deus, o matrimónio pode ser usado para nos ensinar o tipo de carácter que Deus tem em mente para nós.

Ao lermos as obras de Lutero, podemos compreender o que ele significava por formação de carácter. O fundamento do carácter é a fidelidade ou a confiança. Nenhum casamento será bem sucedido sem a presença deste elemento. Relações extramaritais são mais do que uma violação de votos legais. Destroem a confiança entre marido e mulher causando grande preocupação e sentimentos de culpa nos filhos. Noutras palavras, arrasam o lar. Segundo Lutero, a fidelidade é a "base e a essência total do casamento." Ele não esposava a ideia de padrões duplos, no que respeita à moralidade sexual.

Com base nisto, podemos começar o nosso processo de formação, aprendendo a trabalhar em conjunto e a assumir responsabilidades à medida que estas se apresentam no lar. "Para Lutero o homem era o cabeça da mulher, porque tinha sido criado primeiro.

o lar cristão e a formação do carácter

—JEANNE SERRÃO

Ela devia dar-lhe não somente amor, mas também honra e obediência. Ele deve dominá-la com gentileza, mas a regência não deve ser abdicada. Ela tem a sua esfera de influência, onde pode fazer mais com um dedo do que ele com as duas mãos." (Bainton)

Lutero reflectia o seu tempo no que respeita à perspectiva sobre o casamento. Diz-se que uma vez recusou perdoar a seu filho por espaço de três dias. Muitas das suas ideias parecem duras para os nossos ouvidos modernos e talvez ele mudasse alguns dos seus conceitos se ainda estivesse vivo.

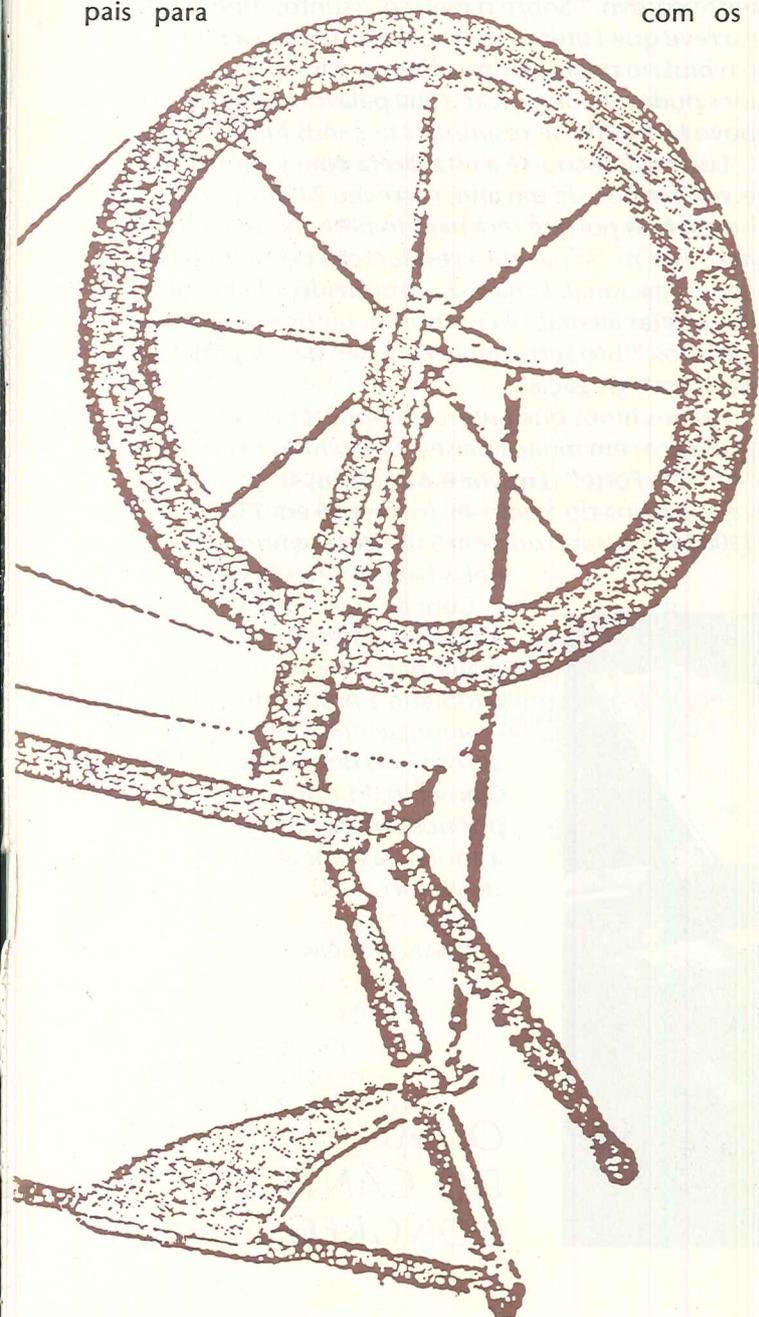
Em resposta à formação de responsabilidade no nosso carácter, encontramos que consoante os talentos e dons espirituais das pessoas envolvidas, estas responsabilidades variam, tendo de ser reconhecidas, discutidas e implementadas. A responsabilidade primária das crianças é obedecer aos pais. Esta atitude, permite que Deus as ensine através dos pais. A responsabilidade primária dos pais para com os

filhos, é o amor e o sacrifício próprio constante. Isto envolve um amor obstinado que se empenha em que as crianças aprendam as virtudes da honestidade, amor, obediência e submissão a Deus.

A paciência é uma das áreas do nosso carácter cristão que o lar piedoso tenta formar. As crianças começam a aprender paciência, através do convívio tanto com irmãos e irmãs, como também com os pais. Estes aprendem paciência ao criarem os seus filhos, assim como nas suas relações pessoais. Jesus disse que devemos amar o próximo como a nós mesmos. Lutero faz notar que o nosso cônjuge é o nosso *mais* próximo e, portanto, o nosso amigo mais chegado. Muitas vezes esta proximidade põe-nos em contacto com muitas "falhas" e desacordos com o nosso cônjuge. Apenas através de paciência que vem de Deus e de amor que se sacrifica a si próprio, podemos continuar a formação dos nossos caracteres, enquanto continuamos a crescer espiritualmente.

Algo mais difícil de aprender que a paciência, talvez seja a submissão. Em Efésios 5:21, Paulo diz-nos que nos devemos submeter uns aos outros no temor de Cristo. Tal como Lutero, muitos de nós não temos qualquer problema com a questão da submissão das crianças aos pais. Contudo, as crianças têm problemas com esta atitude quando descobrem que os pais não são razoáveis nos seus pedidos. Lutero, qual muitos de nós, não teve qualquer dificuldade em compreender que a mulher deve estar sujeita ao marido. Na verdade, Katarina, sua esposa, usava sempre a linguagem formal quando se dirigia a ele. No entanto, uma esposa tem dificuldades quando descobre que o marido não tem em mente os seus melhores interesses. Ao prosseguirmos a leitura de Efésios 5, encontramos que o marido cristão deve amar a sua esposa tal como Cristo amou a Igreja e se entregou a Si mesmo por ela. Lutero reconheceu isto por si próprio ao reconhecer a sua submissão a Katarina de muitas maneiras subtís, ainda que na época tal ideia fosse estranha. Bainton diz-nos que Lutero se refere à sua esposa como "minha senhora", ocasionalmente, que era o reconhecimento dos dons e talentos que Katarina exibía e que regulavam e enriqueciam a vida do Reformador. Talvez seja a submissão difícil para nós, porque estamos emocionalmente condicionados a fazer o que entendermos, numa atitude egoísta e a despeito do que se passa à nossa volta.

Um cristão maduro à semelhança de Cristo pode definir-se de um só modo: "Amor". Mas este amor não é do tipo mundano que diz: "Dá-me". É um amor divino que diz: "Deixa-me dar-te". Precisamos fortalecer os nossos casamentos e ao mesmo tempo crescer em carácter para que nos tornemos mais à semelhança de Cristo. Ainda que tenha mudado muito o nosso conceito sobre o casamento desde o tempo de Lutero e da Reforma, podemos concordar com ele que o lar representa o lugar ideal para a formação do carácter. □



Deve a música ser parte do culto de adoração? Se achar que sim, deve ela consistir somente de música instrumental, ou deve incluir também o canto? E se este último, quem deve participar? "Que perguntas desnecessárias!", talvez você diga.

"Claro que a música deve ser parte do culto de adoração. Deve incluir música instrumental e cântico, e toda a congregação deve participar."

Talvez, mas este não foi sempre o ponto de vista da Igreja Cristã e, mesmo hoje, este tópico não prima pela unanimidade. Alguns dizem que as artes não têm lugar num culto de adoração, enquanto que outros argumentam que expressões artísticas constituem modos de adoração a Deus.

A Igreja Primitiva entoava hinos nos seus cultos de adoração. Paulo instrui os crentes de Éfeso: "... enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor, com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo" (Efésios 5:18-19). Contudo, durante mais de mil anos, entre o Concílio de Laodiceia, no século IV, e o nascimento da Reforma, a congregação não participou em cântico na igreja; só o clero cantava. Os leigos só podiam entoar hinos religiosos em ocasiões especiais, fora do santuário: procissões, peregrinações e em festivais religiosos.

Hoje em dia, há ainda denominações e grupos religiosos que proíbem qualquer tipo de música nos seus cultos de adoração. Não devemos, no entanto, condenar tais grupos: eles são certamente sinceros na sua adoração a Deus e o uso de música não é um dos pontos cruciais respeitantes à salvação. Qualquer um tem o direito de cultuar a Deus do modo como ele/ela sente que melhor expressa louvor e adoração, desde que esse modo não esteja em conflito com a fé cristã.

Quantos de nós tivemos o privilégio de participar em hinos congregacionais e música sacra, consideramos tais expressões de louvor parte natural do culto cristão. Tal atitude deve-se ao impacto produzido nesta área pelo reformador alemão Martinho Lutero.

A maioria de nós pouco sabe acerca de Lutero. Podemos reconhecê-lo como um reformador protestante do século XVI. Talvez tenhamos ouvido das 95 teses que ele pregou na porta da capela de Wittenberg. Vêem-no muitos como o fundador da Igreja Luterana. Contudo, esta personagem afecta-nos todos os domingos ao entoarmos hinos congregacionais. Como "Pai do Cântico Congregacional", Lutero não deu origem a esta forma de adoração: ele, simplesmente, restaurou a participação leiga.

Mas, se o cântico congregacional não é um elemento fundamental para a salvação, por que razão restaurou Lutero esta prática? A resposta é: para proporcionar melhor comunicação entre Deus e o homem. Lutero disse: "Tenho intenção de compor salmos para o povo, isto é cânticos espirituais, para que a Palavra de Deus, deste modo, esteja presente entre o povo." Sobre o mesmo assunto, Albert Bailey escreve que Lutero "deu ao povo alemão a Bíblia e o hinário na sua própria língua, para que Deus lhes pudesse comunicar a Sua palavra e para que o povo Lhe pudesse responder nos seus hinos."

Lutero dedicou-se a esta tarefa com grande vigor e, no período de um ano, escreveu 23 dos seus 37 hinos. Mas porque terá parado neste número? O seu interesse principal era a restauração do cântico congregacional. Uma vez introduzido, ele encorajou "os poetas alemães a comporem hinos evangélicos para nós." Isto seria uma expressão da congregação para a congregação.

Mas os hinos que Lutero compôs têm sido muito populares em muitos países. O seu hino mais famoso, "Castelo Forte" (**Louvor e Adoração**, 4), baseado na versão latina do Salmo 46, foi escrito em 1527. Em 1900 fora já traduzido em 53 línguas, e numa

delas havia 63 versões distintas.

Com hinos como este, não é de estranhar que a igreja cristã, na maior parte dos casos, tenha adoptado a prática de cântico congregacional como um modo apropriado de glorificar a Deus. Obrigado, Martinho Lutero, por nos teres auxiliado a adorar a Deus através do cântico. □

—BRIAN WILSON



LUTERO:

O PAI DO CÂNTICO CONGREGACIONAL

INTRODUÇÃO À EPISTOLA AOS ROMANOS

—MARTINHO LUTERO

1 - Romanos 1:1-17

2 - Romanos 1:18-32

No capítulo 1, Paulo começa por condenar certos pecados tão claros como o dia. Estes eram os pecados dos pagãos, que viviam fora da graça de Deus. Através do Evangelho, a ira de Deus é revelada do céu sobre toda a humanidade. Porque, ainda que reconhecessem a Sua existência, a natureza humana sem o auxílio da graça divina é tão má que nem está grata nem adora a Deus.

3 - Romanos 2:1-16

4 - Romanos 2:17-29

No capítulo 2, Paulo aplica estas punições àqueles que são santos apenas na aparência e cometem pecados secretos. São estes que desprezam a bondade de Deus e amontoam a ira divina, devido à dureza dos seus corações.

5 - Romanos 3:1-20

6 - Romanos 3:21-31

Neste capítulo, Paulo volta ao seu argumento que todos pecaram, provando o seu ponto com as Escrituras. A salvação pode apenas vir ao homem por virtude da fé em Cristo, não por mérito. Ele tornou-se o propiciatório pelo qual Deus perdoa os pecados cometidos.

7 - Romanos 4:1-12

8 - Romanos 4:13-25

Será que existe alguma necessidade de boas obras? Paulo conclui que os judeus não podem ser herdeiros de Abraão meramente por virtude da sua descendência ou, ainda menos, pela observação das obras da lei. Para serem herdeiros genuínos precisam de herdar a fé do patriarca porque, antes da lei e da circuncisão, Abraão foi justificado pela fé e descrito como pai de todos os crentes.

9 - Romanos 5:1-11

10 - Romanos 5:12-21

Neste capítulo, Paulo

descreve os frutos que provêm da fé: paz, gozo, amor a Deus e ao próximo, certeza, coragem, confiança e esperança a despeito de sofrimento. Obras feitas com um coração certo não devem ser negligenciadas. Destas obras os cerimonialistas nada conhecem, pois as suas obras não demonstram nenhuma das qualidades que pertencem à genuína conduta e fé cristãs.

11 - Romanos 6:1-13

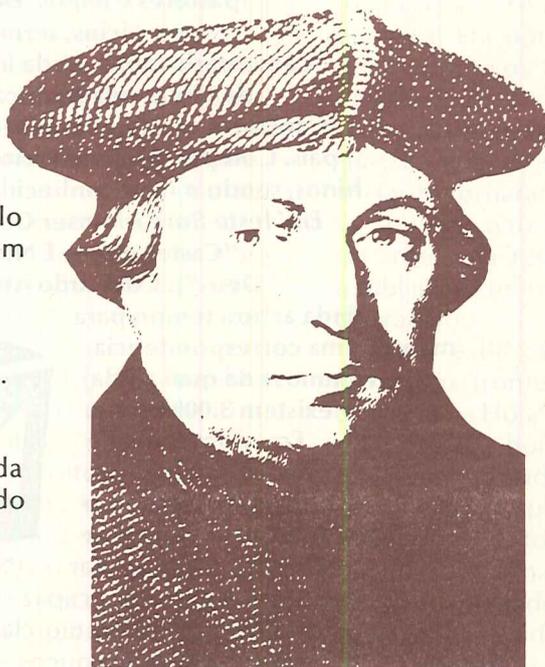
12 - Romanos 6:14-23

No capítulo 6, Paulo descreve a função especial da fé. O pecado ainda existe mas, por causa da fé que o batalha, não nos é imputado como condenação. Esta auto-disciplina é necessária de modo que nos conformemos à morte e ressurreição de Cristo e que completemos o significado do nosso batismo.

13 - Romanos 7:1-13

14 - Romanos 7:14-25

Paulo consolida o seu ponto com uma analogia relacionada ao casamento. Tal como quando o marido morre a mulher está livre para casar, também a nossa consciência fica livre para servir a Deus quando o *eu* é morto pela intervenção do Espírito. Paulo explica como a carne e o espírito contendem nos nossos corações,



usando o seu exemplo pessoal e aplicando o nome da lei à carne e ao espírito; porque, tal como é a natureza da lei divina a exigir de nós, também a carne batalha contra o espírito insistindo na sua vontade. Essa batalha continua a travar-se até que nos tornemos completamente espirituais.

15 - Romanos 8:1-17

16 - Romanos 8:18-39

Confortando os que se encontram envolvidos nesta luta, Paulo recorda-lhes que a carne não os condenará. O espírito de Cristo reprime a carne e assegura-nos que a despeito da fúria da batalha, seremos filhos de Deus, desde que obedeçamos ao espírito e ponhamos o pecado à morte. Isto provoca sofrimento mas, porque nenhuma outra força é tão eficiente contra a carne como a cruz e os sofrimentos que devemos suportar, o Apóstolo conforta-nos assegurando-nos do apoio do espírito do amor e de tudo o que foi criado.

17 - Romanos 9:1-16

18 - Romanos 9:17-23

19 - Romanos 10:1-10

20 - Romanos 10:11-21

21 - Romanos 11:1-22

22 - Romanos 11:23-36

Do capítulo 9 ao capítulo 11, Paulo trata da providência eterna de Deus. Somos tão fracos e inconstantes que por nós próprios pereceríamos. Deus, pelo contrário, não muda e a Sua providência é infalível. Temos, portanto, esperança a despeito do pecado.

Temos de confrontar aqueles que usam os seus poderes de raciocínio no esforço de tentarem descortinar os propósitos divinos. Isto apenas traz desastre e riscos desnecessários.

23 - Romanos 12:1-8

24 - Romanos 12:9-21

Nesta porção Paulo fala de como devemos servir a Deus. Ele mostra que todos os cristãos são sacerdotes e que os sacrifícios que oferecem não devem ser os prescritos na lei, mas os seus

próprios seres, depois de sujeitarem as suas paixões a Deus. Depois, Paulo, descreve a conduta exterior dos cristãos que vivem debaixo da sujeição do espírito. Estas são as verdadeiras obras que o cristão pratica visto que a fé não é inerte.

25 - Romanos 13:1-7

26 - Romanos 13:8-14

No capítulo 13, o Apóstolo ensina-nos a respeitar e a obedecer às autoridades seculares. Isto assegurará a ordem pública e a protecção dos bons cidadãos. O amor que nos foi demonstrado por Cristo inclui todos os aspectos da vida. Este foi o Seu exemplo supremo.

27 - Romanos 14:1-12

28 - Romanos 14:13-23

Paulo ensina-nos a amar e a lidar com aqueles que têm consciências instáveis. Não devemos usar a liberdade cristã de que desfrutamos para melindrar os fracos, mas para os auxiliar. Quando isto não acontece, surge a dissensão e o evangelho sofre. É melhor fortalecer os fracos do que perder o evangelho.

29 - Romanos 15:1-13

30 - Romanos 15:14-33

Paulo cita o exemplo de Cristo, encorajando-nos a ajudar os que são fracos, mesmo pecadores flagrantes. Não os devemos abandonar, mas ajudar até que se reformem. Tal é a obra diária de Cristo nas nossas vidas, não nos abandonando nas nossas fraquezas e imperfeições.

31 - Romanos 16

O capítulo final consiste em saudações aos irmãos e num aviso solene no que respeita às doutrinas humanas. Estas estavam sendo disseminadas a par e passo com o evangelho, com evidente prejuízo. É contra estas doutrinas que devemos estar alerta, não deixando que engulam o evangelho e toda a Sagrada Escritura, impedindo a obra do Espírito e destruindo a fé dos crentes. Que Deus nos livre de tais homens. Amen. □

sua pena
transformou
o mundo

—HENRY ZECHER

Martinho Lutero era homem de muitos talentos: reformador, professor, orador, tradutor, teólogo e compositor. Contudo, não fora a sua influência poderosa como escritor, todas as transformações ocorridas e todos os seus ensinamentos jamais teriam tido o mesmo impacto universal e duradouro.

Este homem, cujo quingentésimo aniversário do seu nascimento foi celebrado em 1983, publicou mais de 400 escritos versando temas desde críticas aceras contra o papado a instruções simples para pastores e leigos. Ele escreveu prefácios, sermões e comentários sobre cada livro da Bíblia cuja tradução transformou a língua do seu país. Compôs também vários hinos, sendo o mais conhecido *Ein' feste Burg ist unser Gott*

("Castelo Forte É Nosso Deus"). Com tudo isto, ele ainda achou tempo para manter uma correspondência volumosa da qual ainda existem 3.000 cartas.

Em momentos de impaciência, revolta e violência, a pena de Lutero tomou o lugar da espada que ele se recusava a empunhar.

O facto que Lutero era capaz de dizer de modo tão claro e sucinto o que poucos



podiam mesmo expressar, e com um impacto que transpunha fronteiras internacionais, foi provavelmente o factor principal na propagação da Reforma protestante. Os povos da Europa descobriram neste monge obscuro o campeão de uma fé que não seria silenciada. Os ensinamentos de Lutero não só exprimiam doutrina sã, mas tocavam também sentimentos que durante séculos fermentaram nos corações dos povos oprimidos.

Os esforços literários de Lutero foram directamente relacionados com a reestruturação da liturgia da igreja. Para o ensino da fé cristã aos fiéis, Lutero publicou dois catecismos em 1529: um para adultos e o *Pequeno Catecismo* para crianças. Estes dois livros contêm, provavelmente, a explicação mais sucinta e clara do cristianismo jamais escrita. Ainda hoje são usados pelas igrejas luteranas através do mundo.

Ele compôs numerosos hinos baseados, não nos cânticos gregorianos como era costume, mas na música popular do seu dia. Estes hinos e muitos outros foram compilados em hinários usados durante os cultos por toda a congregação.

Mas a obra de maior envergadura foi, sem sombra de dúvida, a Bíblia alemã. Nenhum outro livro teve o mesmo impacto no desenvolvimento de uma nação. No tempo de Lutero a língua alemã consistia em vários dialectos regionais, assemelhando-se todos à língua falada nas cortes dos imperadores de Habsburgo e Luxemburgo. Embora a elevação da classe média, o desenvolvimento do comércio e a invenção da imprensa contribuissem para a fusão destes dialectos numa língua nacional, o factor chave neste processo foi certamente a Bíblia de Lutero. Uma das razões da sua influência duradoura e da aceitação geral foi, certamente, a credibilidade do trabalho de Lutero. Enquanto que traduções anteriores tinham sido baseadas na Vulgata Latina, Lutero fez uso do trabalho de humanistas como John Reuchlin, Gerson Ben Mosheh e Desyderius Erasmus que tinham compilado os melhores manuscritos originais conhecidos na altura.

Durante o período de exílio no castelo de Wartburg, após a Dieta de Worms, Lutero dedicou-se à tradução do Novo Testamento grego de Erasmus. Esta tarefa foi completada em onze semanas — tarefa fenomenal quando tomamos em consideração os dias escuros, a iluminação pobre e a fraca saúde do reformador.

Das Neue Testament Deutsch foi publicado em Setembro de 1522. Calcula-se que só nos primeiros dois meses se venderam 5.000 cópias.

Concluída esta tarefa, Lutero voltou-se para o Antigo Testamento. Embora linguísta brilhante, não tentou sozinho a tradução. Se a ideia de um comité de tradução parece hoje facto óbvio é porque estudiosos como Philipp Melancton, Justus Jonas, John Bugehagen e Gaspar Cruciger se juntaram a Lutero e estabeleceram assim o precedente.

Lutero permaneceu como tradutor principal. Foi seu espírito que motivou e guiou o grupo na produção dum texto que não era literal, no verdadeiro sentido da palavra. Ele desejava que a sua Bíblia fosse escrita em alemão comum, em vez de linguagem formal. Antes de uma palavra ou frase ser escrita tinha de passar o teste de ouvido de Lutero. Devia soar bem. Esta tendência constituiu uma das grandes vantagens da Bíblia alemã mas significou, ainda, uma tradução mais subjectiva do que se fora absolutamente literal.

“Não é possível reproduzir um idioma estrangeiro na língua nativa”, escreveu Lutero. “Traduzir significa reproduzir o espírito numa língua estrangeira no nosso idioma.”

Os tradutores usaram como base a linguagem da corte, mas tentaram também incluir as melhores expressões dos vários dialectos do império. Continuamente em busca de perfeição, Lutero conversava com pessoas idosas das várias regiões. Ele visitava os artesãos para estudar as suas artes e os utensílios usados. Quando se lhe deparou a designação das pedras preciosas na “nova Jerusalém”, Lutero mandou pedir que lhe trouxessem pedras semelhantes da colecção do eleitor e que lhe explicassem os nomes.

Anotações constantes revelam que as dificuldades da tradução eram reconhecidas a par e passo, mesmo por estes grandes linguístas. Apesar destes problemas o grupo trabalhou rapidamente e com precisão. O resultado foi uma Bíblia alemã de qualidade literária incomparável. Porque soava natural ao homem comum, tornou-se rapidamente a Bíblia mais popular na Alemanha, posição que ainda mantém.

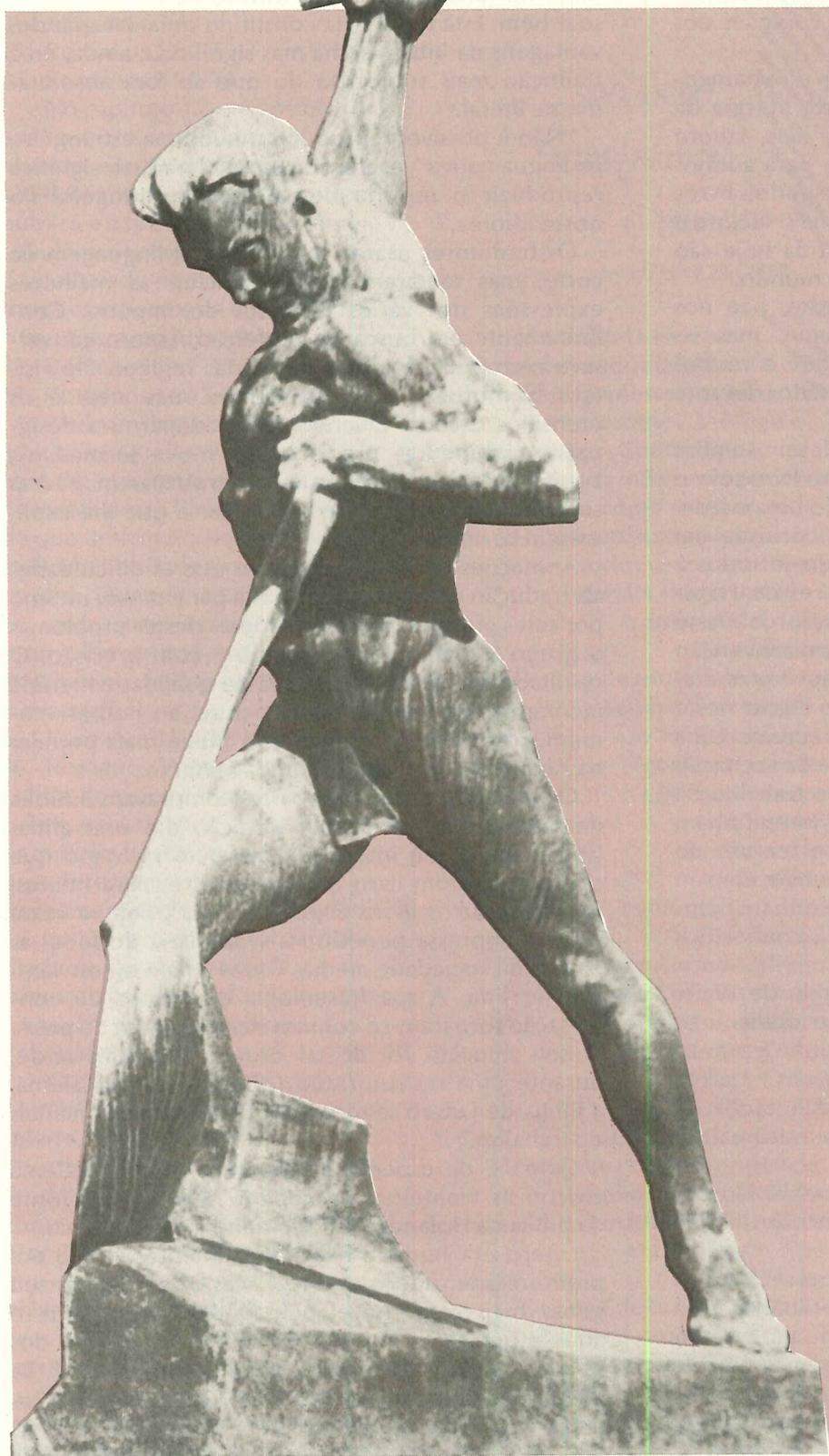
Os alemães, em toda a parte, compravam a Bíblia de Lutero, não só para a salvação das suas almas (se tal era o seu interesse) mas pelo prestígio que conferia. Era um livro indispensável e, para muitos, um dos poucos livros acessíveis. Pela primeira vez a palavra impressa penetrou a vida diária de todas as classes da sociedade alemã. Todos a liam ou ouviam-na ser lida. A sua fraseologia e padrões de conversação tornaram-se comuns na linguagem do povo. O seu impacto foi de tal ordem que mais tarde, durante uma reestruturação formal da língua alemã, a Bíblia de Lutero se tornou uma das bases principais do trabalho.

Como é de esperar, a influência da Bíblia alemã cruzou as fronteiras do império servindo de fonte da Bíblia na Holanda, Suécia, Islândia e Dinamarca.

Lutero era homem excepcionalmente dotado em praticamente tudo o que fez. Mas o aspecto do seu génio mais responsável pelo impacto que teve, é aquele que se tornou menos conhecido através dos séculos: a sua habilidade e poder como escritor. Se lhe tivesse faltado essa qualidade, a Reforma Protestante teria seguido um curso bem diferente. □

Traduzido e usado com permissão de *Christianity Today*, 1983.

—JOÃO M. C. ESTEVES



Esta é uma pergunta que, porventura, soa estranha em publicação que procura realçar os resultados importantes da Reforma. Contudo, é pergunta muito pertinente à luz da situação na nossa própria Igreja.

Nestes dias em que se discute tanto o processo de internacionalização da Igreja do Nazareno, estamos na realidade a tratar de um problema mais profundo e essencial, a saber, como manter a unidade da Igreja sem destruir a diversidade dos seus membros.

Não existem dois seres humanos exactamente idênticos, ou que pensem do mesmo modo. Mesmo irmãos gêmeos discordarão sobre a cor da tinta a usar-se no quarto que compartilham. Se numa situação trivial esperamos discórdia, como é possível esperar unanimidade completa num fenómeno tão complexo como a religiosidade humana?

Este é o primeiro facto que devemos reconhecer, e não é assim tão difícil.

O segundo facto a considerar-se, este talvez de aceitação mais difícil, é que aos olhos de Deus e à luz do Evangelho todos somos *iguais*. Não é tão fácil porque uma coisa é reconhecer com a nossa mente e a outra, bem distinta, é praticá-lo nos nossos contactos diários. Por natureza, o homem tem a tendência de procurar suplantiar os demais para assim os poder usar em benefício pessoal. Aqui nasce o racismo e a intolerância humana. Infelizmente esta tendência não fica à porta da igreja, mas entra conosco nos hábitos ganhos através da vida de contacto com a sociedade secular.

Na igreja a intolerância exprime-se de modos menos evidentes mas, talvez por essa razão, a sua

ARRANCAREMOS OS PREGOS DA PORTA DO CASTELO?

influência seja tão perniciosa. Aqui toma a forma de fanatismo religioso. Ao negarmos a possibilidade de outras formas de adoração, ao rejeitarmos o testemunho de pessoas de outras crenças e ao julgarmos com dureza o comportamento de outros cristãos, estamos na realidade exprimindo aquela tendência tão característica ao homem carnal.

Nem Lutero nem Wesley desejavam provocar um cisma nas igrejas a que pertenciam; foi a intolerância das autoridades eclesiásticas que os forçou a tomar as medidas drásticas pelas quais se tornaram conhecidos. Tanto um como outro reconheceram que a Igreja não é um sistema hierárquico constituído à volta de certas doutrinas gravadas em pedra. É na realidade, um organismo vivo, um corpo com várias partes essenciais (1 Cor. 12:12, 27), uma casa espiritual formada por pedras vivas (1 Pedro 2:5). Tanto um como o outro reformador reconheceu que Deus se encontra com o homem na situação em que este vive e que lhe revela o Seu Ser e Vontade, de acordo com a capacidade individual.

Esta verdade é bem evidente nos patriarcas. Uma leitura cuidadosa do Pentateuco revelará o uso de vários nomes para designar Deus: Deus Altíssimo, Deus Todo-Poderoso, Deus Eterno, Deus Vivo, Deus Compassivo, Deus que me vês, etc. Deus revelou-Se aos patriarcas em ocasiões específicas e estes atribuíram-Lhe nomes que descreviam aquele aspecto da natureza de Deus a que foram mais expostos. Quando, por exemplo, Moisés foi encarregado de conduzir os israelitas à Terra Prometida, Deus revelou-Se-lhe de um modo aparentemente novo (Êxodo 6:2-3). No

momento de crise Deus revelou-Se como o "EU SOU O QUE SOU" (Êxodo 3:14) —YAWEH—o Deus Fiel de eternidade a eternidade.

Mas, podemos perguntar, qual é a relação entre o que acabámos de dizer e a pergunta feita ao princípio?

Em frente ao edifício das O.N.U., em Nova Iorque, encontra-se uma estátua de um homem transformando a sua espada num arado. Nesta expressão de arte o autor procurou representar a profecia de Isaías 2:4:

E Ele julgará entre as nações, e repreenderá a muitos povos; e estes converterão as suas espadas em relhas de arado, e as suas lanças em foices; uma nação não levantará espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra.

Na minha mente estas palavras têm um significado que ultrapassa o aspecto político. No caminho da paz política internacional deve estar a paz religiosa entre as igrejas.

Devotado ao estudo das Escrituras e zeloso pela santidade da Igreja, Lutero sentiu-se sob o dever de denunciar e condenar as práticas então corruptas da Igreja Romana. As autoridades religiosas recusaram-se a ouvi-lo, e a divisão tornou-se inevitável. Durante séculos as Igrejas Protestantes e Católica endureceram as suas posições e aumentou a separação. Sem o diálogo necessário os mal-entendidos multiplicaram-se, de tal modo, que hoje para muitos não há esperança de confraternização entre estes dois corpos da Cristandade.

Com o II concílio do Vaticano, inaugurou-se um novo período na história das relações entre Protestantes e Católicos. A Igreja

Romana reconheceu muitos dos erros do passado e convidou a diálogo líderes de outras denominações.

Não, não espero uma união total de igrejas. Mas espero um diálogo mais extensivo entre irmãos de diferentes confissões. Um diálogo em que os participantes respeitem as experiências dos demais, procurando aprender novas facetas da revelação de Deus ao homem.

Não espero que o católico falte à missa para estar presente ao culto batista; não espero que o metodista deixe a sua igreja para se tornar luterano. Mas espero, sim, que o católico, o batista, o metodista e o luterano se respeitem e se amem mutuamente, cientes de que cada um tem algo a contribuir para a edificação do Corpo de Cristo.

Que resposta darei, portanto à pergunta inicial? Sim e Não!

Não, visto ser impossível arrancar totalmente os pregos, pois toda a igreja necessita de ouvir as pancadas do martelo reformador. Quando Israel desviou os olhos de Deus, os profetas levantaram o seu clamor; quando a Igreja se deixou dominar pela corrupção material, Lutero afixou as teses à porta do castelo. A voz do Evangelho precisa de ser ouvida em todas as eras; e nenhuma igreja, Protestante ou Católica, está imune ao perigo da estagnação, do egoísmo e da ambição materialista.

Mas, ao mesmo tempo, responderei também com um *Sim*. Arranquemos os pregos que nos dividem; arranquemos os pregos da intolerância que impedem o diálogo e aprendamos uns dos outros, lembrando-nos continuamente que *toda a verdade provém de Deus*. □

CARTA ABERTA À IGREJA: A PERSPECTIVA DE UM REFORMADOR MODERNO

Ainda que nos nossos dias haja muita discussão no mundo secular sobre a Igreja, não existe um conceito adequado acerca da sua identidade. Só é possível determinar o que a Igreja deve ser se soubermos o que foi originalmente.

Contudo, este debate não deve ser ignorado, porque nos força a enfrentar a questão vital: Com que critério devemos avaliar se a Igreja está encaminhada na direcção certa?

Será que é suficiente afirmarmos que a Igreja está no caminho certo se se adapta ao presente? Claro que não, porque tal significaria também adaptar-se ao mal, ao indiferentismo e aos elementos adversos a Deus que existem no mundo. As palavras de Paulo em Romanos 12:2 ainda são relevantes: "Não vos conformeis a este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus".

Ou será que podemos dizer que a Igreja se encontra no caminho certo desde que mantenha contacto firme com o passado? De novo, claro que não. Isso poderia significar a negligência do bom, aceitável e perfeito, mantendo-se o tradicional apenas porque isso seria mais conveniente e menos disruptivo. Uma adesão tenaz ao passado é tão perigosa como uma acomodação total ao presente. É mesmo possível que o considerado como bom tome o lugar do melhor. Por exemplo, quando as prioridades humanas suplantam as divinas, ou quando a tradição do homem é mais forte que a Palavra de Deus. Consciente da relutância humana e da aversão às exigências contínuas da vontade de Deus, Cristo citou o aviso de Isaías: "Este povo honra-me com os lábios, o seu coração porém, está longe de mim, mas em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens" (Marcos 7:6). E acrescentou: "Bem sabeis rejeitar o mandamento de Deus, e vos apegais à tradição dos homens . . . invalidando assim a palavra de Deus pela vossa tradição que vós transmitistes" (7:9, 13).

Portanto, podemos notar que onde a acomodação ao presente é inadequada, porque leva ao modernismo, a adesão ao passado não é melhor porque conduz ao tradicionalismo. Assim, perguntamos: Como sabemos se a Igreja está no caminho certo?

A resposta mais simples é que a Igreja está na direcção certa quando, a despeito da época em que se encontra, tem por critério o Evangelho de Cristo — o Evangelho que Cristo proclamou e que a Igreja dos apóstolos testemunhou. A Igreja não surgiu por si própria. Deus deu-lhe ser como *Ecclesia* — o corpo de todos aqueles que responderam à chamada — no mundo, de entre os homens. Deus mesmo convocou a Igreja através da proclamação de Jesus, o Cristo. Esta chamada é o *Euangelion* — as boas novas: as novas do domínio de Deus sobre este mundo, as novas de que as esperanças e desejos do homem se devem focar n'Ele, as novas do Seu amor e do amor humano pelo Criador e pelo próximo. É a mensagem vivida por Jesus em plenitude, mesmo até à morte, que incita fé e aceitação no homem. É uma mensagem que encontra fé naqueles que amam a Deus, colocam a sua inteira confiança no Senhor glorificado e aguardam a vinda do Seu reino.

A Igreja, portanto, é a comunidade peregrina de crentes, não daqueles que já tudo sabem e conhecem. A Igreja deve, continuamente, vagar pelo deserto através das trevas do pecado e do erro. Porque a Igreja também pode errar e, por essa razão, deve estar preparada para se reorientar e para se renovar. Deve estar sempre pronta a procurar caminhos que por vezes são tão difíceis de encontrar como uma estrada no deserto ou uma vereda na escuridão.

Existe, porém, uma luz de orientação que nunca se extingue, tal como no deserto o povo de Deus teve sempre um guia: a Palavra de Deus em Jesus Cristo está sempre presente para guiar a Igreja. É a esta palavra que a Igreja apela, e é segundo esta que ela examina as suas actividades na confusão do mundo. A Igreja de hoje não pode ignorar a situação corrente, mas reforma e renova a sua vida, estruturas e ensinamentos, adaptando-se ao mundo tal como é. Não que desenvolva um apego exagerado ao modernismo, mas que também olhe para as suas origens, para os acontecimentos que lhe deram vida. Este é o ponto vital que deve ser compreendido para que julguemos o desenvolvimento presente da Igreja.

A Igreja precisa voltar às suas origens: a Jesus e ao Evangelho. E, como consequência imediata, isto significará o novo futuro que Deus tem em mente para a humanidade.

A nossa missão no mundo secular não é fácil. Muito está em jogo. Exige-se do indivíduo mais esforço e mais responsabilidade. Mas não há motivo para medo, receio ou hesitação. Pelo contrário, temos toda a razão de nos gozarmos e estarmos gratos por viver em tempos como estes, quando para a Igreja e o resto do Cristianismo despontam uma nova vida, uma nova liberdade e um novo futuro. □ —HANS KUNG

Tübingen, 11 de Outubro de 1967



Li algures acerca dum naufrágio que me impressionou. Um navio-tanque explodira em alto mar e os tripulantes foram projetados. Entretanto, três conseguiram escapar agarrando-se a uma jangada. Passaram dias baloiçando ao sabor das ondas e da fúria dos ventos. Finalmente, encalharam nas rochas duma ilha desconhecida. Com medo de serem devorados por canibais, esconderam-se numa caverna.

Certo dia, um deles aventurou-se a subir ao topo dum monte. De lá gritou aos companheiros que avistava uma torre de igreja com uma cruz. Refeitos do susto, pensaram: "Estamos salvos. A igreja não ensina os homens a comerem-se uns aos outros".

Para aqueles naufragos, a igreja simbolizava um salva-vidas. Mas, examinando a história, custa a crer que tenha havido tantos massacres com rótulos desta ou daquela igreja. Ainda hoje, homens que se dizem enviados por Deus, ameaçam: "Crê ou morres! Aceita a minha religião ou vais parar ao inferno!" Será que a fé se resume à confissão de determinado credo?"

I. A Reforma Evangélica

Quando Lutero compareceu diante do enviado do papa, na cidade de Worms, este intimou-o: "Renega o que escreveste e pregas ou serás condenado à morte!" Defraudava o estandarte do papa como o único com direito à existência. E toda a gente sabia que discordar era muito perigoso. Embora simpatizantes aplaudissem Lutero, ninguém contava com o seu triunfo. Mais um que, cedo ou tarde, cairia nas mãos de verdugos a soldo de partidos religiosos.

Nessa época, a igreja passava por fase crítica. O papa angariara um grande império temporal à custa de escândalos e manobras políticas. Clérigos, hávidos de riqueza, poder e prazeres, descuraram os princípios básicos da moralidade e da ética. Em resultado disso, a fé da maioria acabou por se resumir à simples profissão dum credo. E quem se opusesse sofria consequências

não mais fogueiras, guilhotinas e inquisições:

drásticas: fogueira ou guilhotina.

A Reforma Evangélica surgiu, pois, como um esperançoso toque de alvorada a anunciar um novo dia para o Cristianismo. Homens e mulheres, dedicados servos de Deus, tinham orado durante anos por um reavivamento. Agora surgira, não como pensavam, pois houve cisma doloroso, mas ainda sob a inspiração divina. Lutero serviu de instrumento nas mãos de Deus. No entanto, talvez a Reforma não tivesse chegado à separação, se os líderes da igreja não fossem tão cegos e obstinados. Excomunhões e represálias não saram feridas do corpo nem da alma.

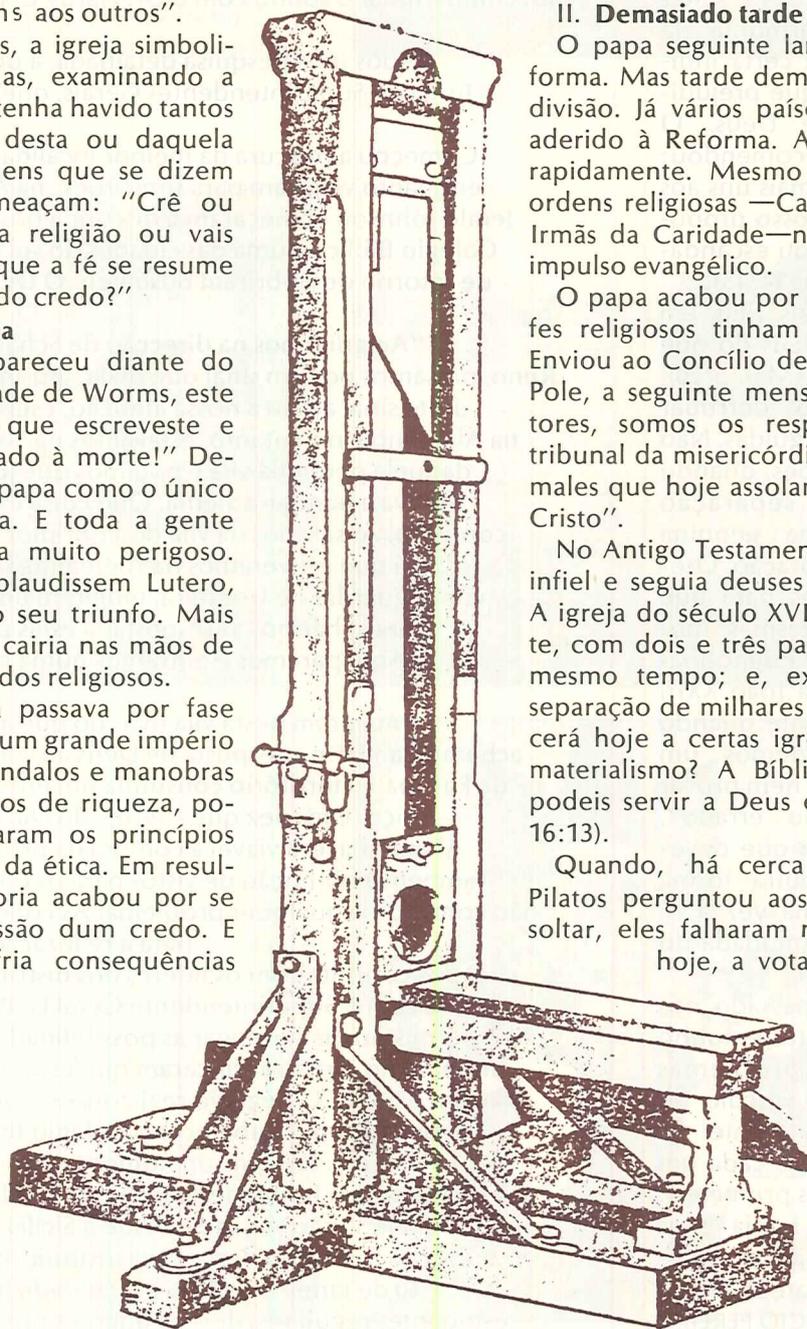
II. Demasiado tarde

O papa seguinte lançou uma contra-reforma. Mas tarde demais, pois não evitou a divisão. Já vários países da Europa tinham aderido à Reforma. A chama espalhará-se rapidamente. Mesmo a criação de novas ordens religiosas — Capuchinhos, Jesuítas e Irmãs da Caridade — não contrabalançou o impulso evangélico.

O papa acabou por reconhecer que chefes religiosos tinham sido infiéis a Deus. Enviou ao Concílio de Trento, pelo cardeal Pole, a seguinte mensagem: "Nós, os pastores, somos os responsáveis diante do tribunal da misericórdia divina por todos os males que hoje assolam o rebanho de Jesus Cristo".

No Antigo Testamento, quando Israel era infiel e seguia deuses falsos, sofria castigo. A igreja do século XVI sofreu, interiormente, com dois e três papas a governarem ao mesmo tempo; e, exteriormente, com a separação de milhares de fiéis. Que acontecerá hoje a certas igrejas tão apegadas ao materialismo? A Bíblia recomenda: "Não podeis servir a Deus e às riquezas" (Lucas 16:13).

Quando, há cerca de dois mil anos, Pilatos perguntou aos judeus quem devia soltar, eles falharam na escolha. De novo, hoje, a votação é entre Cristo e





UM SONHO REALIZADO

Barrabás, o bem e o mal, o cristianismo e o paganismo, a igreja e o mundo. Por quem votará a nossa geração? Só a ignorância inculpável terá clemência no juízo de Deus.

III. Será a minha religião a única verdadeira?

Na teoria e na prática cada qual crê que a sua é a verdadeira e, também, o melhor meio de salvação. Caso contrário, virava-lhe as costas. Mas, infelizmente, o aumento de denominações e seitas não favorece a boa harmonia. Há casos em que se cria certa indiferença e rivalidade que prejudicam o trabalho de Deus. O apóstolo Paulo recomendou: "Não nos julguemos mais uns aos outros; antes seja o vosso propósito não pôr tropeço ou escândalo ao irmão" (Romanos 14:13).

Se não formos mais fiéis em fazer a vontade de Deus do que os escribas e fariseus (Mat. 5:20), em vão procuraremos derrubar barreiras há séculos erguidas. Não basta convocar reuniões, quando continua a mesma separação doutrinária. A reforma genuína parte de dentro, do coração. Oremos uns pelos outros para que desapareçam os fantasmas modernos de fogueiras, guilhotinas e inquisições. O papa João XXIII devia ter isto em mente quando disse: "Não pretendemos um inquérito do passado, nem provar quem está certo ou errado". Creio que é por aqui que devemos começar. De outra forma reduziremos mais uma vez a fé a uma propaganda camuflada do nosso credo.

Que as lições do passado nos sirvam de base e testemunho para solucionar os problemas actuais. Unidos pelo vínculo do amor, seremos uma frente de batalha invencível. Mas cada um fiel no seu posto. Jesus prometeu: "Edificarei a minha igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mateus 16:18).

□

—ACÁCIO PEREIRA

O Colégio Bíblico Nazareno Europeu foi o resultado da visão, necessidade e cooperação de dois homens dedicados ao trabalho missionário na Europa: Jerald Johnson, na Alemanha Ocidental (presentemente um dos Superintendentes Gerais), e Robert Cerrato, na Itália (hoje Superintendente do Distrito de Kansas).

Num retiro de pastores estes dois servos de Deus começaram a falar da necessidade premente do treino de ministros, em particular da possibilidade de estabelecer uma faculdade que servisse os vários distritos da Europa.

Este projecto teve os seus antecedentes humildes em Escolas Bíblicas que operavam a nível local em Florença e em Frankfurt. Mas agora estes dois líderes estavam a pensar numa instituição mais avançada que servisse a toda a Europa Ocidental. O passo seguinte foi compartilhar o sonho com o Dr. Hardy C. Powers, superintendente geral com jurisdição.

Após uma pesquisa detalhada, a proposta foi apresentada à Junta de Superintendentes Gerais, que aprovou o projecto com entusiasmo.

Começou a procura da melhor localidade. Em Outubro de 1964, enquanto viajavam para Innsbruck, na Áustria, Richard Zanner e Jerald Johnson começaram a discutir a possibilidade de organizar o Colégio Bíblico numa das cidades do sul da Alemanha. Na viagem de retorno descobriram Büsingen. O Dr. Johnson descreve-nos o acontecimento:

"Ao guiarmos na direcção de Schaffhausen, ao longo do rio Reno, passámos por um sinal que dizia "Büsingem". Uma característica deste sinal atraía a nossa atenção, estava pintado como os sinais na Alemanha, no entanto, estávamos na Suíça! Conduzimos através daquela pequena vila e notámos que junto à estação do correio estava a bandeira alemã. Que coisa estranha! Para nossa maior confusão, ao sairmos da vila descobrimos sinais de estrada suíços."

"Será que estivéramos na Alemanha? Como fora possível? Não vimos guardas de fronteira, ninguém nos pedira os passaportes."

"Para acharmos as respostas a estas perguntas voltámos à vila.

Aqui parámos e entrámos numa pousada localizada na rua principal."

Acharam nesta vila mais do que a resposta à sua confusão, acharam também a resposta de Deus ao sonho e orações dos líderes da Europa. O território constituía um enclave alemão em território suíço. Uma vez que a Igreja do Nazareno estava registada na Alemanha, era viável a compra da propriedade naquela região.

Também a obtenção de vistos para os estudantes de outros países não constituiria qualquer problema. As condições pareciam perfeitas para a realização do projecto em estudo.

Após consulta com os líderes dos distritos italiano e escandinavo e com o Superintendente Geral G. B. Williamson, recebeu-se permissão de investigar as possibilidades. Ao responderem a um anúncio do jornal, verificaram que estava para venda o hotel onde haviam parado. O negócio realizou-se rapidamente e a tarefa agora consistia em estabelecer o Colégio Bíblico Nazareno Europeu.

O Dr. G. B. Williamson nomeou John B. Nielson para a posição de reitor, em Junho de 1965. A família Nielson usou muito tempo naquele Verão viajando desde a Sicília até à Finlândia, tornando pública a formação desta nova instituição evangélica. Quando em

10 de Janeiro de 1966 a faculdade foi inaugurada havia doze estudantes regulares, dois estudantes por correspondência e cinco



em regime de tempo parcial. Vinte anos mais tarde, o Colégio Bíblico Nazareno Europeu conta com dezenas de formados que se dedicam à obra de Deus nos vários distritos da Europa. Durante estes vinte anos a instituição não cresceu de modo espectacular mas continua a cumprir um papel fundamental no desenvolvimento do Reino de Deus nesta parte do mundo.

Hoje, tal como há duas décadas, o propósito desta instituição continua inalterado: "No espírito da nossa tradição Wesleyana e em linha com a confissão protestante, a tarefa fundamental do Colégio Bíblico Nazareno Europeu é proporcionar a melhor educação teológica e a correspondente aplicação prática àqueles chamados ao ministério na Igreja do Nazareno." □

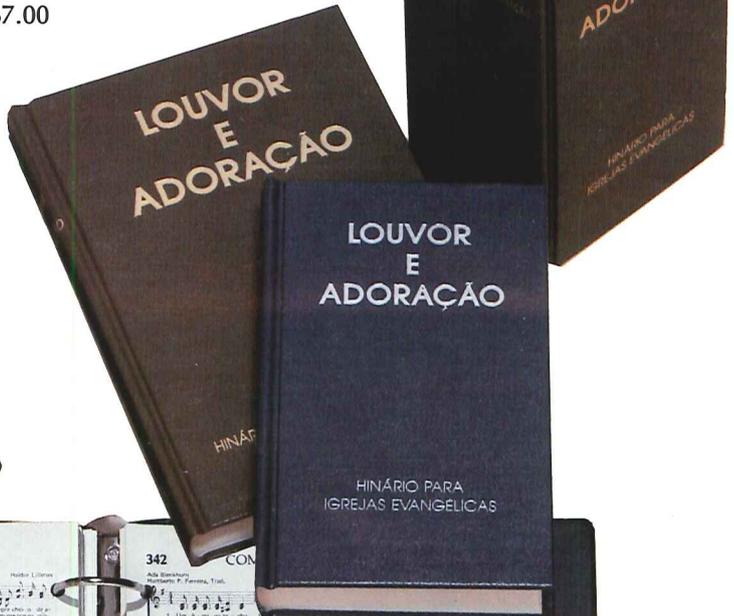
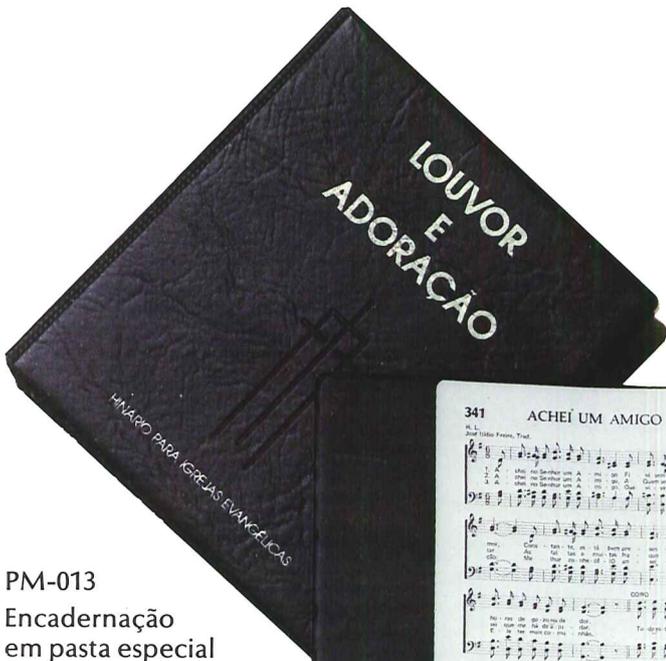
—BENNETT DUDNEY



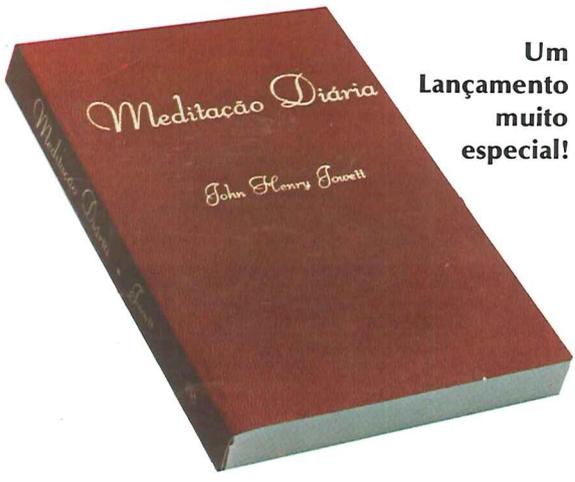
Hinário

LOUVOR E ADORAÇÃO

- PM-009 Música e letra, encadernado, castanho US\$7.00
- PM-010 Letra, encadernado, castanho US\$5.00
- PM-011 Música e letra, encadernado, azul US\$7.00
- PM-012 Letra, encadernado, azul US\$5.00



PM-013
Encadernação em pasta especial com argolas metálicas, folhas soltas; ideal para músicos das igrejas
US\$18.50



Um Lançamento muito especial!

Ansiosamente aguardado, este livro devocional oferece, pela primeira vez, ao público de expressão portuguesa, uma das mais aclamadas obras devocionais do mundo evangélico.

- Volume de 380 páginas, 21 x 13.5 cm., muito atraente e forte para manuseio diário.
- Capa vermelha com letras douradas.
- Um tesouro que famílias e indivíduos usarão com entusiasmo e conservarão com

muito carinho ao longo de anos.

- Um presente que abençoará a vida de seus amigos.
- Passagens bíblicas cuidadosamente escolhidas para encorajamento e desafio na vida quotidiana.
- Um trecho de rico conteúdo para cada dia do ano.
- Apresentação artística e de fácil leitura.

Número de Catálogo—PLG-603
Preço—US\$6.00

Faça hoje mesmo o seu pedido à
Casa Nazarena de Publicações 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131 E.U.A.